



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPPGC
LINHA DE PESQUISA: CULTURAS MIDIÁTICAS AUDIOVISUAIS

FILIPPE CARVALHO DE ALMEIDA

**O LIVRO DIGITAL COMO PROCESSO HIPERMIDIÁTICO:
A RECONFIGURAÇÃO DOS PAPEIS DO LEITOR, AUTOR E EDITOR NO
CONTEXTO DOS USOS E PRÁTICAS EDITORIAIS**

JOÃO PESSOA
2015

FILIPPE CARVALHO DE ALMEIDA

**O LIVRO DIGITAL COMO PROCESSO HIPERMIDIÁTICO:
A RECONFIGURAÇÃO DOS PAPÉIS DO LEITOR, AUTOR E EDITOR NO
CONTEXTO DOS USOS E PRÁTICAS EDITORIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa:
Culturas midiáticas audiovisuais

Orientador: Profº Dr. Marcos Antonio Nicolau

JOÃO PESSOA
2015

FILIPPE CARVALHO DE ALMEIDA

**O LIVRO DIGITAL COMO PROCESSO HIPERMIDIÁTICO:
A RECONFIGURAÇÃO DOS PAPÉIS DO LEITOR, AUTOR E EDITOR NO
CONTEXTO DOS USOS E PRÁTICAS EDITORIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito para a obtenção do título de mestre.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Marcos Antonio Nicolau (Orientador)

Profº Dr. Guilherme Ataíde Dias (Avaliador)

Profº Dr. Henrique Paiva de Magalhães (Avaliador)

JOÃO PESSOA
2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Idris e Rosário, por sempre me apoiarem em todas as minhas decisões e darem o suporte necessário para que eu concluísse mais essa etapa em minha vida. Ao meu irmão, Lucas, por me mostrar, mesmo que de forma indireta, a importância da família. À minha cadela, Laila, pelo companheirismo de sempre. Ao meu avô, Orlando, pelo exemplo que foi e continua sendo em minha trajetória. À minha namorada, Mayara, por me ajudar a manter a lucidez, o foco e estar ao meu lado em todos os momentos. A todos os meus familiares, por compreenderem a minha ausência nos últimos anos.

Ao meu orientador, professor Marcos Nicolau, por ter me acompanhado desde a graduação, por ter participado ativamente da construção deste trabalho e por compartilhar ideias, críticas e sugestões. Ao professor Henrique Magalhães, pelas saudáveis discussões em torno do meu objeto de estudo, pelas contribuições e por me aceitar no estágio docência de sua disciplina. Ao professor Guilherme Dias, pelas valorosas contribuições na banca de qualificação. A todos os professores aqui mencionados por estarem presentes na banca de defesa.

Aos colegas do Mestrado e do GMID, pelas conversas, viagens e contribuições durante esses dois anos de convivência. Aos membros do grupo Amigos dos Editores Digitais (AED), pelo compartilhamento diário de notícias relacionadas ao livro digital, em especial à Maurem Kayna, Gabriela Dias e Fábio Flatschart. À minha consultora para assuntos acadêmicos, Cândida Nobre, pela confiança, ajuda e por acompanhar o meu trabalho desde a graduação.

À Capes, pela bolsa de pesquisa. À UFPB Virtual, por me apresentar à docência e incentivar a produção enquanto pesquisador.

A todos aqueles que torcem pelo meu sucesso.

A Deus.

“I believe that we have to change books
if we want book to change us”.

(Piotr Kowalczyk)

RESUMO

Após uma longa trajetória, com a utilização de diversos materiais da natureza como suporte, o livro apresenta-se sob um novo formato, o digital. Depois de conviver por mais de 500 anos com o livro vinculado ao impresso, a sociedade midiaticizada depara-se com novas práticas e o ciberespaço fornece a infraestrutura necessária para a disseminação do texto eletrônico, agora personificado pela imaterialidade. Passamos a estudar, então, o conceito de livro não apenas como um importante suporte de aquisição de conhecimento, mas também, o seu uso na contemporaneidade como um processo hipermidiático, formado por diversos atores sociais e abarcando o setor editorial de maneira mais ampla. Nosso objetivo, portanto, constitui-se no estudo desse processo, a partir do tripé leitor autor e editor, e dos novos usos e práticas geradas pelo advento do livro digital no âmbito da cibercultura. Para tal, realizamos uma pesquisa qualitativa, de caráter empírico, visando buscar informações recorrentes da crescente adoção dos *eBooks* na sociedade contemporânea, e utilizamos a Teoria Fundamentada para compreender as mudanças que estão ocorrendo no setor editorial. A partir da análise, percebemos que, apesar da dinamicidade da produção e difusão do livro digital, o mercado editorial se mantém baseado em um modelo de negócios muito forte com o livro impresso. Por outro lado, o livro digital vem demonstrando um potencial capaz de suprir novas necessidades que surgiram no contexto da cibercultura, muito mais pelo poder midiático de interação e compartilhamento de conteúdo do que pela própria tecnologia que o sustém.

Palavras-chave: Livro digital. Processo hipermidiático. Práticas editoriais.

ABSTRACT

After a long journey using various materials from nature as learning support, books are presented in a new format: digital one. After living for more than 500 years with printed books, the mediated society comes across new practices and cyberspace provides necessary infrastructure to spread the electronic text, which has now personified immateriality. Thus, we have studied the concept of the book not only as an important means of acquiring knowledge, but also its use in contemporary times as a hypermedia process which involves various social actors and more broadly embraces the publishing sector. Our goal, therefore, is to study this process from the tripartite relationship between reader-author-publisher and the new practices and uses created by the advent of digital books as part of cyberculture. In order to do so, we have conducted an empirical qualitative research aiming at gathering current information about the growing adoption of eBooks in contemporary society and we have used the Grounded Theory in order to understand the current changes within the publishing sector. From the analysis we noticed that, despite the dynamics of production and distribution of digital books, the publishing market is still strongly based on business model for printed books. On the other hand, digital books have shown a potential that is capable of supplying new needs, which have risen in the cyberculture context, due more to the interaction and sharing media power than to its technology itself.

Keywords: Digital book. Hypermedia process. Publishing practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tabuleta de argila.....	19
Figura 2 – Rolo de pergaminho	20
Figura 3 – Códice manuscrito.....	21
Figura 4 – Prensa tipográfica.....	22
Figura 5 – Esboço do BookWheel	25
Figura 6 – Esboço do MEMEX	27
Figura 7 – Enciclopedia Mecânica.....	28
Figura 8 – Hypertext Editing System.....	29
Figura 9 – Dynabook.....	30
Figura 10 – <i>eReader</i> Kindle	37
Figura 11 – Funcionamento de uma tela de e-Ink	38
Figura 12 – Comparativo entre e-Ink, papel e LCD	39
Figura 13 – Exemplo de livro digitalizado	45
Figura 14 – Exemplo de livro híbrido	46
Figura 15 – Exemplo de livro de áudio	47
Figura 16 – Exemplo de livro digital estático	48
Figura 17 – Exemplo de livro digital dinâmico	49
Figura 18 – Exemplo de livro multimídia	50
Figura 19 – Diagrama da estrutura de um livro eletrônico semelhante ao impresso	51
Figura 20 – Representação da estrutura de rede	51
Figura 21 – Cadeia de valor na área editorial.....	59
Figura 22 – Faturamento nas vendas de <i>eBooks</i> no mercado trade dos EUA	63
Figura 23 – Participação do faturamento nas vendas de <i>eBooks</i> no mercado trade dos EUA	64
Figura 24 – Participação do livro digital no mercado editorial brasileiro em 2013	65
Figura 25 – Interface do iBooks Author	82
Figura 26 – Interface de edição do Wattpad.....	84
Figura 27 – Interface de edição do Widbook	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo entre dispositivos portáteis.....	39
Quadro 2 – Categorização dos livros digitais.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mercado global de livros digitais em 2013	62
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PARTE I 1	
A TRAJETÓRIA DO LIVRO: O MANUSCRITO, O IMPRESSO E O DIGITAL	18
1.1 A GÊNESIS DO LIVRO.....	18
1.2 AS PARTICULARIDADES DO LIVRO DIGITAL	31
1.2.1 Elementos necessários para a leitura de um livro digital.....	35
1.2.1.1 <i>Software</i>	35
1.2.1.2 Dispositivo de leitura.....	36
1.2.1.3 Conteúdo	41
1.2.2 Categorização dos livros digitais.....	44
1.1.2.1 Livros digitalizados	45
1.1.2.2 Livros híbridos	45
1.1.2.3 Livros de áudio.....	46
1.1.2.4 Livros digitais estáticos	47
1.1.2.5 Livros digitais dinâmicos.....	48
1.1.2.6 Livros multimídia	49
PARTE II	
2 O LIVRO COMO PROCESSO HIPERMIDIÁTICO	53
2.1 METODOLOGIA	54
2.2 O SETOR EDITORIAL E SEUS AGENTES	55
2.2.1 O dinamismo do leitor.....	56
2.2.2 A primazia do autor	57
2.2.3 A desconstrução do editor.....	58
2.3 AS IMPLICAÇÕES DA RECONFIGURAÇÃO DE USOS E PRÁTICAS EDITORIAIS.....	60
2.3.1 O livro didático e a questão sustentável.....	70
2.3.2 Usos e práticas do livro na atualidade	73
2.3.3 A autonomia do autor no contexto da cibercultura	77
2.3.4 A escrita colaborativa nas plataformas de redes sociais digitais	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, passamos a vivenciar um processo social em que as relações humanas tornam-se virtualizadas, dependendo de novos mecanismos tecnológicos de informação e comunicação. No processo de mediatização, o livro é reconfigurado em meio digital e passa a transitar por diversas mídias, gerando, além de novos usos e práticas editoriais, principalmente novas possibilidades de produção, difusão e leitura.

O livro digital começa a ser inserido em um processo social e tecnológico, responsável por afetar e modificar as interações na sociedade atual, a mediatização. Assim, “os atores sociais acabam reconfigurando seu modo de estar no mundo e são condicionados a uma nova experiência” (SGORLA, 2009, p.67). Ainda segundo Sgorla (2009), os modelos teóricos clássicos da comunicação passam a sofrer diversas mutações, pois as funções destes atores se confundem – leitores podem assumir o papel de produtores. Paiva (2012, p.151) confirma essa reconfiguração dos atores sociais ao afirmar que “[...] os espectadores se tornam e-leitores, editores, cibercidadãos. Ou seja, ocorre uma transformação profunda no contexto da experiência midiática”.

Conforme preconizado por Lévy no final do século XX, o livro digital, com a infraestrutura gerada pelo ciberespaço, propicia inúmeras ações de interação ao leitor. Segundo o autor, “as tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p.32). Entretanto, o termo ciberespaço não abrange apenas a infraestrutura da comunicação digital, “mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17). Logo, de acordo com Martino (2014), não se trata da estrutura física (cabos, máquinas, aparelhos), mas sim, do espaço que existe entre os computadores, ou qualquer dispositivo eletrônico conectado, permitindo a troca de dados por parte dos usuários.

A partir da instauração da cibercultura percebemos a generalização de tecnologias digitais, tornando os aparatos cada vez mais indispensáveis ao uso pessoal e culminando na substituição dos computadores pessoais por dispositivos eletrônicos portáteis. No Brasil, pesquisas mostram constantemente o grande crescimento nas vendas de

*smartphones*¹. Segundo o IDC (International Data Corporation), apesar do mercado global de *tablets* ter recuado no último trimestre de 2014, o saldo anual foi positivo, com um crescimento de 4,4% em relação ao ano anterior, representando 229,6 milhões de aparatos vendidos². Com isso, podemos observar o desenvolvimento acelerado de novas tecnologias da informação e comunicação, que, segundo Lemos (2004), resultam de convergências tecnológicas que transformam as tecnologias antigas por meio de revisões, invenções ou junções.

Em face à globalização e à convergência tecnológica, podemos atribuir o surgimento dos livros digitais (também denominados de livros eletrônicos, *e-Books* ou *eBooks*) à necessidade de portabilidade e à comodidade de se realizar leituras de diversos livros em um único dispositivo. Além da economia de espaço físico e da redução do custo ambiental atrelado à indústria do papel, os livros eletrônicos possibilitam a preservação de uma obra sem que haja perda de conteúdo, degradação das folhas, ou ainda o odor de mofo daqueles que passam anos sem ser consultados. Os livros digitais propiciam, também, uma imensa quantidade de recursos capazes de auxiliar a leitura, como o aumento no tamanho da tipografia, o controle de luminosidade da tela ou ainda a capacidade de interação em ambientes colaborativos.

Assim, ocorre a reconfiguração³ do livro, agora visualizado em suporte eletrônico, com diversos recursos que convidam o leitor a interagir com elementos capazes de proporcionar um aumento significativo na absorção do conteúdo. Além das inúmeras possibilidades geradas pelo hipertexto digital – definido por Lévy (1999, p.59) como “informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e intuitiva”, fazendo com que o leitor participe ativamente da construção do texto que está lendo.

No processo de reconfiguração, o universo do livro foi afetado de forma intensa, pois os agentes do setor editorial (leitor, autor e editor) tiveram suas atividades modificadas a partir de uma nova disposição de papéis e de uma transformação de usos e práticas que estão influenciando diretamente o mercado.

O livro digital origina a figura de um leitor ativo. A partir das diversas possibilidades geradas pelo uso do *hyperlink*, o leitor passa a construir sua própria história,

¹ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/venda-de-smartphones-sobe-55-no-brasil-em-2014>. Acesso em: 04/05/2015.

² Disponível em: <http://www.businesswire.com/news/home/20150202005241/en/Worldwide-Tablet-Shipments-Experience-Year-Over-Year-Drop-Fourth#>. VNIWHp3F-8h. Acesso em: 04/02/2015.

³ O termo “reconfiguração” refere-se a uma das leis da cibercultura, apresentada por André Lemos, em seu artigo “Ciber-cultura-remix”, e trata da reconfiguração de formatos midiáticos. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>. Acesso em: 25/06/2014.

torna-se independente. Com a alta capacidade de armazenamento de dispositivos portáteis ou a sua conexão direta com a nuvem, tendo como base o conceito de *cloud computing*, o advento do livro digital permite a construção de uma biblioteca de tamanho imensurável, possibilitando ao leitor o acesso instantâneo à obra desejada. O autor, por sua vez, adquiriu um estágio de autonomia jamais visto anteriormente, podendo se relacionar de forma direta com o seu público-alvo, além de escrever, publicar e propagar sua obra na internet sem custo algum. Já o editor, que era responsável por ditar o que seria publicado, passou por um processo de desconstrução e teve o seu poder enfraquecido, mas, mesmo assim, continua sendo uma figura importante no setor editorial.

Com a reconfiguração, o livro, assim como os demais suportes midiáticos, está se transformando em um produto hipermediático, passando a pertencer a um processo mais amplo, o processo hipermediático. Processo este, que, a partir do caráter interativo intrínseco ao hipertexto, é formado por ambiências distintas e diversos atores sociais – dentre eles o leitor, autor e editor.

Dessa forma, o livro está deixando de ser um produto estático e pessoal, permitindo que qualquer indivíduo torne-se um “[...] produtor, criador, [...] difusor de seus próprios produtos” (SANTAELLA, 2003, p.82), e fazendo parte de um processo dinâmico, onde novos meios de interação e comunicação passaram a configurar as formas de percepção da realidade, caracterizando o processo de midiatização (STASIAK, 2010). A midiatização, por sua vez, gera novas tecnologias, cada vez mais sofisticadas, tornando as práticas comunicativas mais complexas.

Sucintamente, o processo de midiatização é definido por Sodré (2002, p.21) como:

[...] uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de ‘tecno-interação’ [...].

Ainda segundo Sodré (2002), a sociedade contemporânea está imersa em um espaço midiatizado, responsável por acelerar o processo de circulação de informações e transformar as relações humanas. Estas relações interativas passam a ser feitas à distância, dependendo de dispositivos midiáticos para acontecer. Para Fausto Neto (2008, p.93), na sociedade midiatizada, “as mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais”. Mesmo assim, o processo de midiatização não consegue atingir todos os lugares, portanto, essa nova forma de

comunicação não exclui as anteriores, elas passam a coexistir num mesmo espaço social (SGORLA, 2009).

Os estudos sobre a midiatização podem ser justificados pela transformação das tecnologias midiáticas, alterando as formas de interação entre os atores na sociedade contemporânea. Stasiak (2010, p.10) defende

[...] a necessidade de reflexões teóricas sobre as processualidades e fenômenos midiáticos contemporâneos, teoricamente mídias tradicionais e contemporâneas coexistem no espaço público, cada qual com suas regras e valores discursivos, porém, a atualidade, mostra a existência de um nível de afetação entre elas que pode colaborar para que as ordens e regras particulares a cada uma sejam transformadas.

No contexto do processo social da midiatização, responsável por afetar diretamente as nossas relações, as mudanças provocadas no setor editorial suscitaram o interesse pelo estudo do livro em formato digital. O fascínio por aparatos tecnológicos, acompanhado da preocupação com as implicações das novas formas de produção, compartilhamento e visualização do conteúdo na sociedade midiatizada, também levaram até a escolha do objeto de estudo.

Após o interesse inicial pelo tema, ainda na graduação, participamos de diversos projetos de editoração de livros eletrônicos, vários deles publicados na Amazon. Passamos, também, a fazer parte do projeto de pesquisa “Para Ler o Digital: a reconfiguração do livro na era da cibercultura”⁴, projeto este que visa realizar pesquisa teórica e empírica sobre o livro digital, além de disponibilizar obras gratuitamente à comunidade acadêmica. Posteriormente, produzimos alguns artigos referentes à reconfiguração do livro na cibercultura, o livro didático em versão digital, novas necessidades de produção e leitura, a ascensão do livro digital e a autonomia do autor, dentre outros.

Com a conclusão da graduação, optamos por dar continuidade à pesquisa no Mestrado, por entender que o livro digital em sua atual conjuntura, ainda em fase de ajustes, está envolto por processos interacionais, alterando profundamente as relações entre autores, leitores e editoras. Inserido no contexto da sociedade midiatizada, o livro eletrônico passa a ser regido pelas mesmas leis que regem a cibercultura, intensificando a necessidade de estudo pela Comunicação.

⁴ Disponível em: <http://insite.pro.br/Livros.html>. Acesso em: 21/07/2014.

Para Darnton (2010), estamos em um momento de transição, no qual os livros digitais e impressos passam a coexistir em um mesmo ambiente. De acordo com Lévy (1999, p.25), “[...] quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço [...] suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre”, trazendo-nos à tona discussões relativas ao processo de relações humanas da sociedade contemporânea.

Assim, podemos visualizar a relevância deste trabalho, já que estamos tratando da análise de algo que está acontecendo. Entendemos que o tema é de grande valor para a academia, visto que o processo de midiatização ocasiona diversas transformações nos estudos das teorias da comunicação.

Observamos, ainda, que o livro encontra-se em reconfiguração, portanto, devemos repensá-lo como uma mídia audiovisual interativa, o que demonstra a consonância do trabalho com a Linha de Pesquisa Culturas Midiáticas Audiovisuais, proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Na esfera desta Linha de Pesquisa, buscamos todos os instrumentos e aportes teóricos que deram suporte à nossa pesquisa, já que a mesma orienta-se para a análise dos dispositivos midiáticos analógicos e digitais, com enfoque em seus mecanismos de estruturação, interfaces e tecnologias.

Considerando a reconfiguração do livro em formato eletrônico e a demanda pela criação de um modelo de negócios capaz de atender às necessidades da sociedade contemporânea, nosso objetivo consiste em realizar estudo sobre o advento do livro digital no contexto da sociedade midiatizada e analisar as novas práticas e usos gerados por esse processo hipermidiático a partir do leitor, autor e editor.

Dessa forma, pretendemos demonstrar de que forma o processo hipermidiático do livro digital cria novos hábitos de leitura, dando origem ao atual perfil de leitor; compreender como os novos modelos de compartilhamento mercadológico possibilitam ao autor exercer uma autonomia que não existia em relação ao livro impresso; por último, tentar entender como o setor editorial está se configurando frente aos modelos e padrões de livros eletrônicos para assimilar suas tendências de produção e compartilhamento nesse ambiente de constante interação permitido pelo ciberespaço.

Como procedimento metodológico, utilizamos a pesquisa de natureza qualitativa com caráter empírico, buscando entender detalhadamente os significados e as implicações da nova estrutura mercadológica instaurada pelos livros digitais no âmbito da cibercultura. Realizamos, também, a partir da Teoria Fundamentada, um mapeamento das atividades que envolvem os agentes do setor editorial, para somente depois, demonstrar como está ocorrendo a reconfiguração do livro e apontar tendências.

Dividimos, então, a dissertação em duas partes: a primeira, responsável por tratar do processo histórico do livro, desde a origem do livro impresso até o desenvolvimento do livro digital, com todas as suas particularidades; na segunda seção, fizemos uma análise dos usos e práticas editoriais vigentes, bem como um estudo do setor editorial a partir do tripé leitor, autor e editor.

PARTE I

1 A TRAJETÓRIA DO LIVRO: O MANUSCRITO, O IMPRESSO E O DIGITAL

Na primeira parte do trabalho, optamos por trazer aspectos relevantes que mostram a longa trajetória do livro. Considerando a invenção da escrita como marco inicial do percurso, passando por diversos elementos da natureza que serviram de suporte aos sistemas de escrita há cerca de 3.100 a.C., até chegarmos ao aperfeiçoamento de artefatos adaptados para atender às necessidades da época. Com o desenvolvimento da prensa de tipos móveis, o livro entrou em uma nova era, responsável pela disseminação de obras pelo mundo, provendo acesso ao conteúdo a uma parcela maior da sociedade.

Antes do advento do livro digital, encontramos diversos indícios que nos mostram a premência por um dispositivo tecnológico capaz de desempenhar funções que o livro impresso não conseguia mais exercer. Desde de 1930, projetos ainda embrionários – alguns sequer saíram do papel – foram responsáveis por inspirar o desenvolvimento de novas tecnologias portáteis, a exemplo dos *tablets* e *eReaders*.

Com a disseminação do livro digital, passamos a observar novas funcionalidades decorrentes dos aplicativos, dispositivos e formatos desenvolvidos pelo mercado editorial, culminando no início da “Revolução dos *eBooks*” (PROCÓPIO, 2013).

1.1 A GÊNESIS DO LIVRO

O processo histórico do livro se inicia com a invenção da escrita, que foi impulsionada pelo sistema fonético grego, fazendo com que a mesma fosse propagada por vários povos do planeta. De acordo com Kerckhove (2009, p.219), o alfabeto grego tinha suas peculiaridades:

O alfabeto grego era diferente de todos os outros sistemas de escrita no mundo. Em vez de obrigar o leitor a ficar ligado ao contexto do que está sendo dito, permite a remoção de enunciados dos seus pontos de origem e a sua recolocação noutro local, noutro contexto não diretamente relacionado com os anteriores. Esta característica [...] foi acompanhada pelo processo cognitivo envolvido na leitura.

Segundo Bragança (2002), o alfabeto fez com que houvesse uma ruptura nos rígidos círculos que impediam a circulação e o uso da escrita a uma parcela maior da sociedade. De maneira semelhante, Castells (1999, p.413), lembra que a invenção do alfabeto, por volta de 700 a.C.

[...] constituiu a base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência como a conhecemos hoje. Tornou possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e o escrito, com isso separando o que é falado de quem fala e possibilitando o discurso conceitual.

Antes disso, alguns elementos da natureza foram responsáveis por servir de suporte à escrita, dentre eles: argila, pedra, papiro e pergaminho (considerado um dos precursores do papel). A argila foi um dos primeiros materiais a ser utilizado na confecção de livros, pois a abundância na região da Suméria permitiu a sua utilização para realização de inscrições por meio de estiletos de junco (SEHN, 2014). Nesse período, por volta de 3.100 a.C. (MEGGS; PURVIS, 2009), o livro era formado por várias tabuletas mantidas em um reservatório de couro (MANGUEL, 1997).

Figura 1 – Tabuleta de argila



Fonte: http://c1.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/B06134147/14881133_zP4La.jpeg. Acesso em: 10/02/2015.

Apesar de possuírem um caráter portátil, geralmente cabiam em uma mão (SEHN, 2014), as tabuletas tornavam-se pesadas demais quando o texto era grande, dificultando sua locomoção. Pouco tempo depois o papiro foi utilizado para compor um rolo, também chamado de *volumen*, que era formado pelo conjunto de folhas unidas e enroladas tanto pela parte superior como pela inferior, com hastes de madeira ou ferro (GHAZIRI, 2009). Entretanto, o problema do peso persistia, já que era preciso transportar algumas dúzias de rolos para realizar a leitura de um livro, além de se fazer necessária a utilização das duas mãos no processo de leitura.

A navegação, para usar um termo contemporâneo, era bastante dificultada, dado que para ir do início ao fim do texto era preciso enrolar/desenrolar todo o rolo. A leitura deveria ser sequencial, sendo impossível folhear ao acaso, ir e vir, como fazemos com o livro contemporâneo. Além da navegação, destaca-se a dificuldade de transporte dos rolos, sua péssima portabilidade (GONÇALVES, 2009, p.86).

Com o alto custo do papiro, o pergaminho, feito a partir da pele de carneiro tratada, passou a ser usado por volta de 190 a.C. (MANGUEL, 1997). Várias folhas eram reunidas entre duas capas rígidas de madeira (PARRY, 2012) e, mais sólido, poderia ser raspado e reescrito caso o escriba cometesse algum erro (MELOT, 2012). Ainda segundo Melot (2012), o pergaminho possuía duas faces idênticas, sendo possível escrever em ambas.

Figura 2 – Rolo de pergaminho



Fonte: <http://blog.crb6.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Pergaminho.jpg>. Acesso em: 10/02/2015.

Conforme Parry (2012), o tamanho de um pedaço de pergaminho era muito grande para viabilizar seu uso, logo, passou a ser dobrado ao meio, formando o que se chamava de folio. Após ser dobrado, o pergaminho também passou a ser costurado, formando o códice. Também denominado de códex, consiste numa compilação de páginas costuradas, substituindo o rolo e originando o pensamento do livro como objeto. Essa necessidade por um suporte mais compacto, barato e de fácil manuseio é detalhada por Carr (2011, p.89):

Embora tenham se passado alguns séculos antes de o livro costurado, ou códice, suplantar o rolo, os benefícios da tecnologia devem ter sido claros mesmo para os primeiros usuários. Já que um copista poderia escrever em ambos os lados de uma página de um códice, um livro exigia muito menos papiro ou pergaminho do que um rolo, escrito de

um lado só, reduzindo substancialmente o custo da produção. Os livros também eram muito mais compactos, tornando-se mais fáceis de transportar e de guardar. Eles rapidamente se tornaram o formato preferido para a publicação das primeiras bíblias e outros trabalhos controversos. Os livros também eram mais fáceis de consultar. Encontrar uma passagem particular, tarefa desajeitada com um longo rolo de papiro, tornou-se uma mera questão de virar para frente e para trás um conjunto de folhas.

De acordo com Chartier (2003), o códice fez com que o leitor conquistasse sua liberdade, já que antes, estava preso à obrigação de segurar o rolo com as duas mãos. A tecnologia com as páginas costuradas tornou possível o surgimento da paginação, do índice, das referências e, principalmente, fez com que o leitor pudesse “[...] distanciar-se, ler e escrever ao mesmo tempo, ir, como lhe aprouver, de uma página a outra, de um livro a outro” (CHARTIER, 2003, p.41).

Para Melot (2012), uma das principais vantagens provenientes do códice foi a possibilidade de escrita nas duas faces da folha, entretanto, mesmo com todos esses benefícios, demorou cerca de quatro séculos para que o novo suporte suplantasse de forma efetiva os rolos, fato que ocorreu somente no século IV. Dois foram os principais obstáculos para a adoção do códice: a lentidão do processo de confecção do suporte e a raridade dos testemunhos, já que o papiro e o pergaminho não são objetos resistentes ao tempo. Ainda segundo o autor, o papel foi vital para o impulso industrial do livro. Além de ser leve e facilmente dobrável, o papel tinha outra importante característica diferente das peles animais e folhas vegetais, a possibilidade de padronização.

Figura 3 – Códice manuscrito



Fonte: <http://cloud2.todocoleccion.net/libros-segunda-mano/tc/2011/12/21/29766710.jpg>. Acesso em: 09/09/2014.

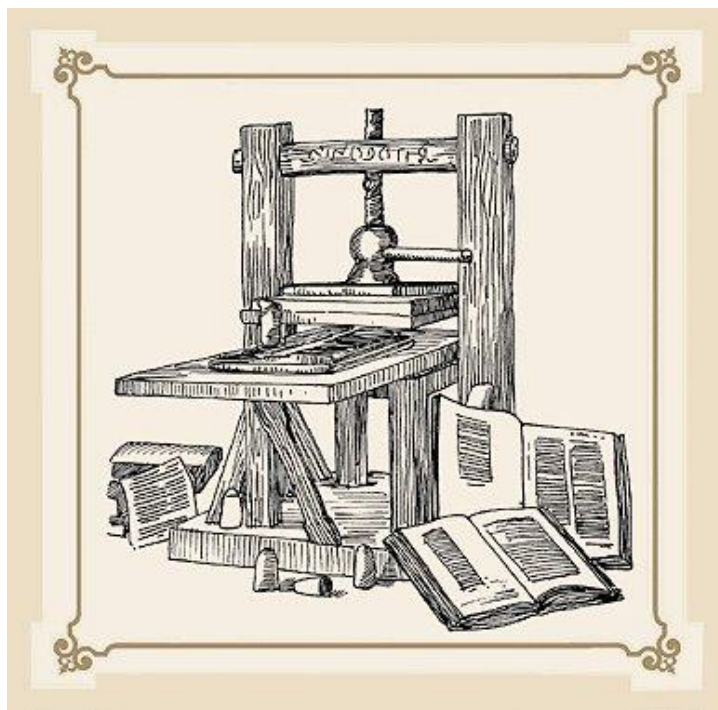
Segundo Parry (2012, p.62), no início da história do códice, “[...] com pouquíssimas exceções, era só a Igreja que dispunha dos recursos necessários para criar artigos tão valiosos, e obras seculares, sem caráter religioso, eram raras”. Somente a partir do século XII que escribas e encadernadores iniciaram a produção de livros comerciais, geralmente em latim ou grego, passando assim, a tratar de assuntos não religiosos.

Com o desenvolvimento do sistema de escrita, houve também a necessidade de organização e padronização das representações gráficas, surgindo assim a tipografia. Os chineses foram os primeiros povos a utilizar tipos móveis bastante rudimentares, entretanto, apenas no século XV, esse conceito foi redescoberto pelo alemão Johannes Gutenberg por meio da prensa tipográfica.

Para Bragança (2002), a invenção gunteberguiana foi responsável por alterar o lugar social da produção dos livros, permitindo a emergência de um novo ambiente. O autor aponta, ainda, que o aspecto mais revolucionário da contribuição de Gutenberg foi o desenvolvimento de um sistema de fabricação de tipos móveis, já que

[...] a tipografia de Gutenberg possibilitou a paulatina transferência do controle dos saberes relativos ao processo de fazer livros para mãos e mentalidades burguesas, desejosas de cada vez mais editar e vender, para obter lucros e, ao mesmo tempo, realizar o seu eros pedagógico, educar e transformar, voltado para um público anônimo e disperso (BRAGANÇA, 2002, p.3).

Figura 4 – Prensa tipográfica



Fonte: <http://mercadopopular.org/wp-content/uploads/2014/01/Prensa.jpg>. Acesso em: 09/02/2015.

A prensa não era uma novidade, já que, desde o início do século XIV, o aparato era utilizado por vinicultores e produtores de imagens de devoção, a partir da impressão na madeira (MELOT, 2012). Antes disso, os chineses, por volta de 1050, já faziam uso da argila para a confecção de tipos móveis para a impressão de páginas com os ideogramas locais (CARR, 2011). A técnica só não foi disseminada na região devido à confiscação dos tipos por parte dos imperadores, senhores feudais e mosteiros, e talvez, por não ser o melhor sistema a ser empregado para a impressão de textos de línguas que possuem inúmeros signos, como a japonesa (CHARTIER, 2003). Gaudêncio Júnior (2004) acrescenta que ainda no século VIII a.C., chineses e coreanos já conseguiam trabalhar com ideogramas em suas gravuras, e três séculos depois passaram a ser entalhados de forma individual.

No Oriente, a técnica responsável pela disseminação do livro impresso foi a xilografia, por ser mais flexível e “[...] manter uma forte ligação entre a escritura manuscrita e a impressa, pois as pranchas gravadas a partir de modelos caligrafados; permite, pela resistência de madeiras de longa conservação, o ajuste entre a tiragem e a demanda” (CHARTIER, 2003, p.33).

Para Haley (1992, p.10) a importância de Gutenberg está na eficiência técnica que seu equipamento alcançou:

Apesar de Gutenberg não ter inventado a maioria dos artifícios que lhe são creditados, sua façanha repousa na síntese científica de um produto prático e econômico. O molde ajustável, que Gutenberg, de fato inventou, permitiu que um modelo produzido por um designer fosse repetido milhares de vezes. Isso também estabeleceu, três séculos antes de ser comumente adotado pela indústria, o princípio da teoria das partes intercambiáveis que é a base de todo produto moderno fabricado em escala.

Além da adaptação de uma prensa de uvas, culminando no surgimento da prensa tipográfica, Gutenberg também inventou uma tinta à base de óleo que aderiria perfeitamente aos pequenos moldes de metal, tornando completo o seu sistema de impressão (CARR, 2011).

A primeira obra a ser impressa por Gutenberg foi a B-42, uma bíblia que possui 42 linhas por páginas, num total de 1.282 páginas (HEITLINGER, 2006). Logo no início, as primeiras impressões tinham como principal característica a simulação das letras escritas pelos copistas (MELOT, 2012). De acordo com Ghaziri (2009), essa particularidade fez com que houvesse uma diminuição do impacto para os leitores. Parry

(2012) também trata do assunto ao mencionar que Gutenberg criou uma tipografia semelhante à caligrafia manuscrita com a finalidade de maximizar suas vendas.

A invenção da tipografia marcou a divisão entre a tecnologia medieval e a moderna (USHER, 1929), possibilitando a mecanização da arte do escriba ou copista. Segundo Marshall McLuhan, a invenção tipográfica foi fundamental para o surgimento do impresso:

[...] do mesmo modo que a palavra impressa foi a primeira coisa produzida em massa, foi também o primeiro “bem” ou “artigo de comércio” a repetir-se ou reproduzir-se uniformemente. A linha de montagem de tipos móveis tornou possível um produto que era uniforme e podia repetir-se tanto quanto um experimento científico. Esse caráter não se encontra no manuscrito (MCLUHAN, 1972, p.177).

Apesar da resistência dos copistas, a impressora com tipos móveis de Gutenberg fez com que o livro fosse popularizado, tornando-se mais acessível pela redução de custos da produção em série. Para Nicolau (2010), tal invenção permitiu, ainda, que os textos pudessem ser reconfigurados a partir de matrizes, possibilitando a reprodução de muitos exemplares. A impressão em papel, originou, também, um modo específico de leitura do texto, pois sempre que ocorre o surgimento de um novo suporte, emergem novos hábitos de leitura, que são desenvolvidos e aprimorados com o passar do tempo.

Assim, desde o início do século XVI, o impresso adquiriu a qualidade de substituto do manuscrito, mesmo que à revelia dos bibliófilos (MELOT, 2012). Ainda segundo o autor, a estabilização do livro confere novas propriedades ao saber, passando a ser cumulativo, irreversível, sucessivo, cronológico e definitivo. Diferentemente do saber contemporâneo, devido à instantaneidade e à não finitude dos textos eletrônicos.

Segundo Carr (2011, p.101), “ao transformar um ofício manual em uma indústria mecânica, Gutenberg mudou a economia da impressão e da edição”, fazendo com que os livros, antes escassos e caros, se tornassem acessíveis. Além da produção em massa, a prensa de tipos móveis de Gutenberg também fez com que o livro se tornasse um produto portátil. De acordo com McLuhan (1972, p.281):

Esse desejo muito natural de se ter facilmente livros à disposição, e livros de formato cômodo e portáteis, acompanhou passo a passo a crescente rapidez da leitura, que se tornara possível com a impressão do texto em tipos uniformes e móveis, em contraste com a leitura mais dificultosa dos manuscritos. Este mesmo movimento pela acessibilidade e caráter portátil do livro criou públicos e mercados cada vez maiores, os quais eram indispensáveis ao sucesso de todo o empreendimento gutenbergiano.

Projetos que visam melhorar a experiência do leitor, seja a partir da portabilidade ou da possibilidade de leitura simultânea de várias obras, são bastante antigos. Em 1588 o engenheiro italiano Agostino Ramelli publicou em seu livro *The Various and Ingenious Machines of Captain Agostino Ramelli* uma máquina de leitura que permitia o acesso a diversos livros simultaneamente, a partir de uma engrenagem que realizava uma rotação vertical, semelhante a um moinho movido a água. O aparelho, denominado BookWheel, foi construído apenas em 1986, pelo arquiteto Daniel Libeskind⁵.

Figura 5 – Esboço do BookWheel



Fonte: <http://cdn.theatlantic.com/static/mt/assets/science/bookwheel615.jpeg>. Acesso em: 25/02/2015.

⁵ Disponível em: <http://www.theatlantic.com/technology/archive/2013/02/ behold-the-kind-of-the-16th-century/273577/>. Acesso em: 25/02/2015.

Em 1930, o escritor e poeta norte-americano Bob Brown propôs a concepção de uma máquina de leitura com as seguintes características:

Para continuar a ler na velocidade de hoje eu devo ter uma máquina. Uma máquina de leitura simples, que eu possa transportar ou movimentar, ligar a qualquer tomada elétrica antiga e ler centenas de milhares de livros de texto em dez minutos se eu quiser, e eu quero. Uma máquina tão acessível como uma vitrola portátil, máquina de escrever ou rádio, compacta, instantânea, operada por eletricidade, com a impressão feita microscopicamente pelo novo processo fotográfico em um rolo de tecido resistente e transparente, que traz todo o conteúdo de um livro e ainda não é maior que uma fita de máquina de escrever, um rolo como uma serpentina em miniatura, que pode ser colocado em uma caixa de comprimidos⁶ (BROWN, 1930, p.28).

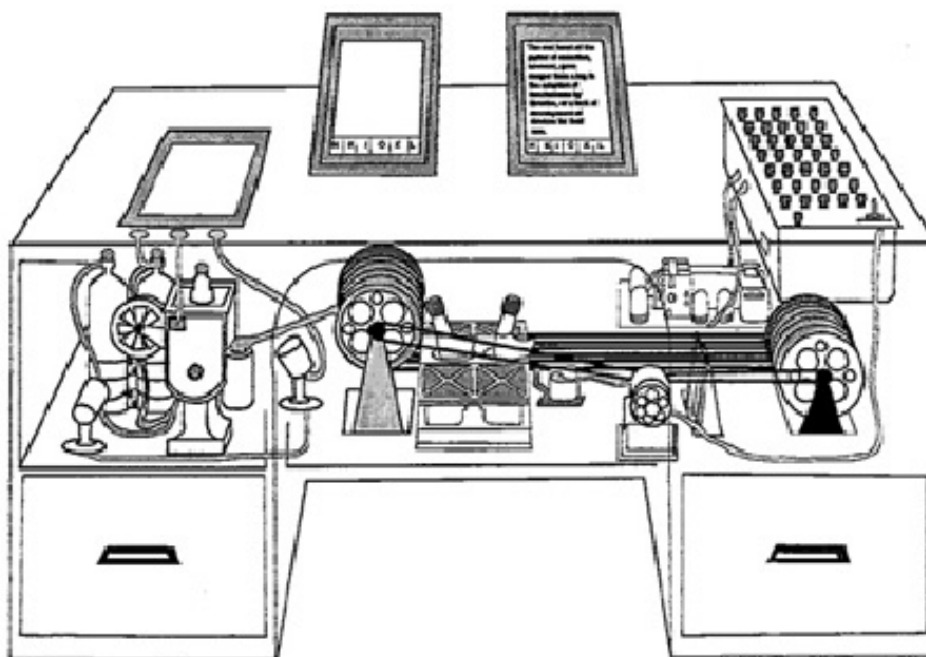
Já em 1945, Vannevar Bush escrevera um artigo para o periódico *The Atlantic Monthly*, intitulado “As We May Think”⁷. Neste artigo, Bush também idealizou um protótipo de um dispositivo de leitura, chamado de MEMEX (MEMory EXtension), algo que ele considerava ser a biblioteca universal do futuro. A descrição do aparato feita pelo autor diz que o MEMEX “[...] é um dispositivo no qual um indivíduo armazena todos os seus livros, registros e comunicações, e que é mecanizado para que ele possa ser consultado com velocidade e flexibilidade superiores”⁸. De acordo com Flatschart (2014), com o aparelho, seria possível criar, editar e associar conteúdos textuais, imagéticos e sonoros.

⁶ Tradução livre: “To continue reading at today’s speed I must have a machine. A simple reading machine which I can carry or move around, attach to any old electric light plug and read hundred thousand word novels in ten minutes if I want to, and I want to. A machine as handy as a portable phonograph, typewriter or radio, compact, minute, operated by electricity, the printing done microscopically by the new photographic process on a transparent tough tissue roll which carries the entire content of a book and yet is no bigger than a typewriter ribbon, a roll like a miniature serpentine that can be put in a pill box”.

⁷ Disponível em: http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/?single_page=true. Acesso em: 25/02/2015.

⁸ Tradução livre: “[...] is a device in which an individual stores all his books, records, and communications, and which is mechanized so that it may be consulted with exceeding speed and flexibility”.

Figura 6 – Esboço do MEMEX



Fonte: <http://gicbrasil.files.wordpress.com/2010/05/memex.gif>. Acesso em: 09/07/2014.

Em 1949 surge o primeiro projeto de livro mecânico patenteado, a *Enciclopedia Mecánica*, criada pela professora e escritora espanhola Ángela Ruiz Robles. Segundo a própria inventora, o aparato foi descrito da seguinte forma⁹:

Aberta, consiste em duas partes. A da esquerda é formada por alfabetos automáticos em todos os idiomas: ao pressionar levemente um botão, aparecem as letras que se deseja, formando palavras, frases, temas, e toda forma de escrita. Na parte inferior dos alfabetos, uma área para escrever, fazer operações ou desenhar. Na parte interna, um local para guardar as disciplinas. À direita estão as matérias, embaixo de uma lâmina transparente e inquebrável, podendo ampliar, ter luz ou receber luz para serem lidos no escuro. À direita e à esquerda por onde passam as matérias, existem duas bobinas onde são colocados os livros que se deseja ler em qualquer idioma. Através do movimento das bobinas vão passando as matérias, pausando-se onde desejar. Pode estar sobre uma mesa (como os livros físicos) ou perpendicular, proporcionando conveniência ao leitor, evitando maiores esforços intelectuais ou físicos. Todas as peças são substituíveis. Fechado, fica do tamanho de um livro comum e de fácil manuseio¹⁰.

⁹ Disponível em: <http://www.elescorial.es/descargas-pdf-etc/2012/AGORA/AGORA%206%20BR.pdf>. Acesso em: 24/02/2015.

¹⁰ Tradução livre: “Abierta, consta de dos partes. La de la izquierda lleva abecedarios automáticos en todos los idiomas: con una ligerísima presión sobre un pulsador se presentan las letras que se deseen, formando palabras, frases, temas y toda clase de escritos. En la parte inferior de los abecedarios, un plástico para escribir, operar o dibujar. En la parte interior, un estuche para guardar asignaturas. En la parte de la derecha van las asignaturas, pasando por debajo de una lámina transparente e irrompible, pudiendo llevar la propiedad de aumentos, pueden ser luminosos y luminados para poder leerlos sin luz. A la derecha e

Figura 7 – Enciclopedia Mecánica



Fonte: <http://www.noticiasdot.com/wp2/wp-content/uploads/2013/01/angela-ruiz-enciclopedia-mecanica-02.jpg>. Acesso em: 24/02/2015.

O dispositivo foi inventado com o objetivo de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, conforme ROMERO (2010):

[...] o livro mecânico foi criado para atender às necessidades diárias, para diminuir o peso carregado nas mochilas pelos alunos da Escola de Mandiá, onde Doña Angela lecionava e, assim, tornar a aprendizagem mais atrativa e suportável, para finalmente permitir também ao professor, personalizar o seu ensino, fornecendo materiais educativos adaptáveis ao nível de conhecimento de cada criança¹¹.

A invenção de Ángela Ruiz Robles pode ser considerada um dos inúmeros percursos do livro digital, ou de um aparato específico para a leitura de textos eletrônicos, com diversos elementos audiovisuais e recursos interativos¹².

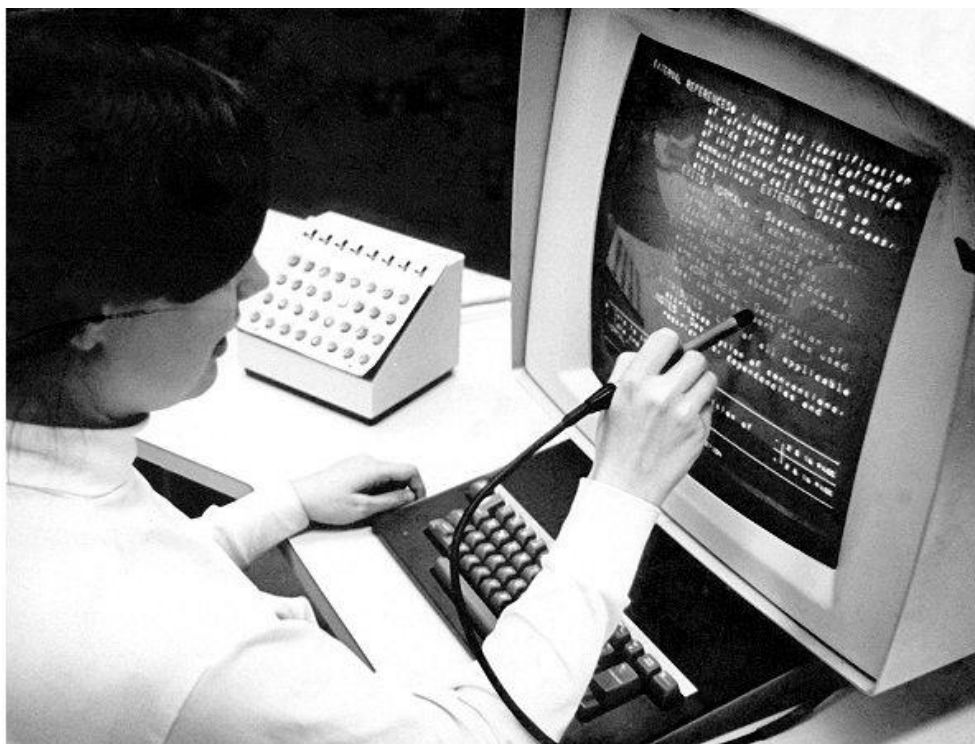
izquierda por donde pasan las materias, lleva dos bobinas donde se colocan los libros que se desee leer en cualquier idioma. Por un movimiento de las mismas van pasando los temas haciendo las paradas que se quieran. Puede estar sobre una mesa (como los libros actuales) o perpendicular, facilitando comodidad al lector, evitando gran número de esfuerzos intelectuales y físicos. Todas las piezas son recambiables. Cerrado, queda del tamaño de un libro corriente y de facilísimo manejo”.

¹¹ Tradução livre de: “[...] el libro mecánico nace para cubrir las necesidades cotidianas, para paliar el peso de las mochilas que cargaban los alumnos de la Escuela de Mandiá donde enseñaba Doña Ángela y hacer así más atractivo y llevadero su aprendizaje, para permitir finalmente, también al maestro, personalizar su enseñanza al proporcionar un material pedagógico adaptable al nivel de conocimientos de cada niño”.

¹² Disponível em: http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2013/10/130930_tecnologia_inventora_libro_electronico_il. Acesso em: 24/02/2015.

Em 1967, inspirados na ideia do MEMEX, os professores universitários Andries van Dam e Ted Nelson fundaram o Hypertext Editing System (HES), o primeiro sistema de edição de hipertexto¹³. O projeto de pesquisa culminou no desenvolvimento de um sistema que era capaz de organizar dados a partir de um computador¹⁴. Após a sua conclusão, o sistema foi vendido pela IBM ao Houston Manned Spacecraft Center e utilizado para produzir a documentação nas missões Apollo.

Figura 8 – Hypertext Editing System



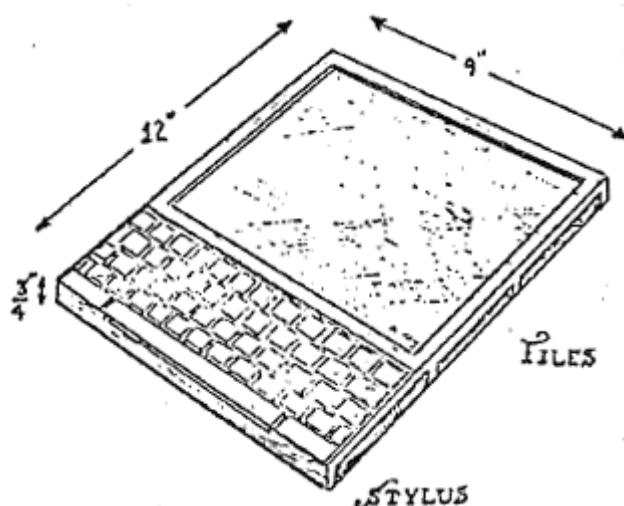
Fonte: [http://s7.computerhistory.org/is/image/CHM/500004818-03-01?\\$re-zoomed\\$](http://s7.computerhistory.org/is/image/CHM/500004818-03-01?$re-zoomed$). Acesso em: 19/05/2015.

No ano seguinte, em 1968, o cientista da computação Alan Kay desenvolveu o conceito do Dynabook, um dispositivo portátil para crianças de todas as idades. O aparato nunca foi construído, mas o protótipo serviu de base para a criação de diversos dispositivos portáteis utilizados atualmente, como *notebooks*, *tablets* e *eReaders*.

¹³ Disponível em: <http://www.nngroup.com/articles/hypertext-history/>. Acesso em: 18/05/2015.

¹⁴ Disponível em: <http://www.historyofinformation.com/expanded.php?id=1075>. Acesso em: 18/05/2015.

Figura 9 – Dynabook



Fonte: <http://history-computer.com/ModernComputer/Personal/images/Dynabook.png>. Acesso em: 19/05/2015.

Partindo da ideia da digitalização como forma de entrada para o ciberespaço (LÉVY, 1999), em 1971, por meio do Project Gutenberg¹⁵, o norte-americano Michael Hart começou a arquivar obras em formato digital e a distribuí-las gratuitamente ao público, sendo o responsável por dar o pontapé inicial para a disseminação dos livros eletrônicos. Inicialmente os livros eram digitados ou digitalizados por meio de *scanners* e a primeira obra a ser inserida no projeto foi a Declaração de Independência dos Estados Unidos, ainda em 1971, enquanto Hart era um estudante da Universidade de Illinois e conseguiu acesso a um computador Xerox Sigma V.

O projeto Gutenberg foi baseado na premissa de que tudo aquilo que pudesse ser inserido em um computador, também poderia ser reproduzido de forma indefinida, sendo denominado por Michael Hart de *Replicator Technology*. O conceito do termo nos mostra que um livro ou qualquer outro elemento que possua imagens ou áudios, por exemplo, pode ser armazenado no computador e distribuído pelo mundo.

Com essa intenção, os textos eletrônicos reproduzidos pelo Project Gutenberg eram disponibilizados em um formato simples, para que fosse acessível a uma parcela maior da sociedade. Essa foi a filosofia que deu início ao projeto, tornar o conteúdo disponível para o público em geral, possibilitando a leitura, citação e a pesquisa pela obra. O projeto é tido como a mais antiga biblioteca digital de *eBooks* gratuitos¹⁶, e hoje, conta

¹⁵ Disponível em: <http://www.gutenberg.org>. Acesso em: 09/07/2014.

¹⁶ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080216063928/http://www.america.gov/st/washfile-english/2007/July/200707201511311CJsamohT0.6146356.html>. Acesso em: 25/02/2015.

com um acervo de mais de 46 mil livros digitais disponíveis para download nos formatos HTML, PDF, *ePub*, dentre outros.

Somente em 1998, as empresas SoftBook Press e NuvoMedia Inc. lançaram dois dispositivos portáteis capazes de armazenar até cinco mil páginas de livros em formato digital, contendo textos e imagens (PROCÓPIO, 2010). Ainda segundo o autor, os dispositivos de leitura não obtiveram êxito no mercado devido à ausência de um modelo de negócios convergente e à falta de conteúdo.

1.2 AS PARTICULARIDADES DO LIVRO DIGITAL

O advento do livro digital possibilitou ao leitor diversas funcionalidades como marcadores de páginas, bloco de anotações, busca de palavras, ajuste no tamanho e no tipo de fontes, além de inúmeros recursos existentes em aplicativos desenvolvidos especificamente para os livros digitais. Como relata Dziekaniak (2010, p.85), “essa é a realidade da leitura virtual, um formato que convida o leitor a interagir e a explorar símbolos e palavras que mudam de cor ou que oferecem a facilidade de manuseio com um simples toque”. Grande parte das funcionalidades do livro em formato digital advêm do hipertexto, que pode ser definido como:

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 1993, p.33).

Para Chartier (2003), o livro digital está propiciando uma revolução bem mais radical do que a provocada pelo surgimento da prensa gutenberguiana, já que a revolução digital modifica as formas de suporte e o texto passa de uma condição material, no caso do livro impresso, para a imaterialidade, na qual os textos não possuem lugar próprio e a manipulação é livre.

Os *softwares* atuais de produção de livros eletrônicos permitem a utilização de diversos recursos audiovisuais interativos, capazes de prender a atenção do leitor e facilitar a absorção do conteúdo por meio de infográficos, galerias de imagens, vídeos e

objetos em três dimensões. Alguns aplicativos também possibilitam o compartilhamento de trechos da obra via e-mail ou em redes sociais da Internet.

Com a popularização dos dispositivos portáteis, principalmente *smartphones* e *tablets*, o *eBook* já é uma realidade no mercado, grandes editoras já possuem versões digitais dos seus livros e revistas mais importantes. Várias escolas e universidades também estão aderindo rapidamente aos benefícios decorrentes do livro digital, tornando-o uma ferramenta essencial para a educação.

Apesar do surgimento de ideias e protótipos de máquinas há quase 100 anos, acreditamos que o conceito de livro digital ainda não está definido de forma sólida. Criar uma nova definição não faz parte do escopo dos nossos objetivos para este trabalho, entretanto, traremos aqui alguns conceitos utilizados por pesquisadores e profissionais da área editorial, para somente depois, ensaiar uma categorização dos livros digitais. A validade de nossa tentativa é sustentada por Dziekaniak (2010, p.84), quando afirma que:

O termo e-book tem sido utilizado para designar tanto a máquina de leitura como os documentos em formato de livro disponibilizados na Internet. Esse conflito terminológico carece de tratamento por parte das áreas envolvidas com o estudo dos suportes informacionais, desde bibliotecários, usuários e desenvolvedores desta tecnologia, para que nomeiem e desinem os termos apropriados a cada conceito, evitando ambigüidade semântica para tecnologias distintas.

Machado (1994) nos lembra que no início da Idade Média, o termo livro (*liber*) era utilizado de maneira genérica, para representar qualquer dispositivo de fixação de pensamento. Em sua concepção mais ampla, o livro pode ser definido como sendo “[...] todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vãos de sua imaginação” (MACHADO, 1994, p.204). Ainda segundo o autor, com a adoção do códice como formato padrão por parte dos cristãos, a lógica se inverteu: o termo livro passou a representar o modelo mais utilizado na época, eliminando um vocábulo específico para simbolizar o aparato de forma mais ampla, tornando difícil a compreensão do objeto livro como algo diferente de um conjunto de páginas costuradas. A falta desse termo, talvez, seja um dos fatores culminantes para a dificuldade de conceituação do livro digital, já que o *eBook* também é uma forma de conservação do pensamento e aquisição de conhecimento.

De acordo com Benício e Silva (2005, p.4), o termo *e-book* “[...] está sendo utilizado para nomear o livro em formato eletrônico, podendo ser baixado via Internet

para o computador por meio de download e para o aparelho que permite a sua leitura fora do computador [...]”. Apesar de ter sido publicado em 2005, o texto de Benício e Silva nos traz um conceito que pode ser facilmente aplicado aos dias de hoje. De forma simples, García et al (2011) afirma que um *eBook* é um arquivo digital que necessita de um elemento adicional para sua visualização, um dispositivo leitor com um *software* adequado para a leitura do documento.

Segundo López Suárez e Larrañaga Rubio (2010), tanto a definição do livro impresso, quanto a do livro digital são complexas, e a acepção do que vem a ser um *eBook* torna-se bastante problemática não apenas por sua tecnologia em si, mas por toda a complexidade que envolve o conceito do livro tradicional.

Rao (2005), Ludwig (2010), Horie (2011) e Flatschart (2014) tentam resolver a questão de forma mais simples e ambos os pesquisadores têm uma visão bastante próxima do que vem a ser um livro digital. Rao (2005) afirma que o livro eletrônico é um texto digital exibido em uma tela de computador ou em qualquer outro dispositivo portátil.

Para Ludwig (2010, p.45)

E-books são na verdade livros, com a única diferença de estarem no formato digital e não em papel no livro tradicional. Um e-book pode ser lido na tela de um computador, em um laptop, aparelhos celulares, aparelhos próprios para lerem e-books com o e-book reader, ou, ainda, impressos em papel comum, por meio de uma impressora.

Concordando com a visão exposta por Ludwig (2010), Horie (2011) afirma que um *eBook* é uma versão digital de um livro que pode ser lido em computadores ou em aparelhos portáteis. Flatschart (2014), por sua vez, vai um pouco mais além ao explicar que o “livro digital é um livro que pode ser lido em dispositivos computacionais. Normalmente contém textos e imagens, mas, não raro, recursos de multimídia e interatividade” (FLATSCHART, 2014, p.15).

Anuradha e Usha (2006) defendem que o livro digital serve para os mesmos propósitos do livro impresso. Em consonância com este pensamento, Albert Labarre (*apud* COSTA, 2012), afirma que o mesmo conceito estabelecido para o livro impresso também pode ser pensado para o digital, já que três condições devem ser consideradas juntas: 1) suporte da escrita; 2) difusão e conservação de um texto; 3) maneabilidade. Carr (2011) e Kelly (2012) criticam essa comparação conceitual entre *eBooks* e impressos, por vislumbrarem nos livros digitais a possibilidade da existência de uma biblioteca universal compartilhada.

Ronaldo Lemos (2012), por sua vez, acredita que o livro digital não pode ser chamado de livro, já que o *eBook* não é controlado pelo direito autoral puro, impossibilitando a garantia a direitos básicos, como a venda de um livro usado, por exemplo. Ainda segundo o autor, o livro está deixando de ser uma mercadoria para se transformar em um serviço, diminuindo drasticamente o custo de sua produção. Por mais que já possamos visualizar algumas iniciativas de venda de livros digitais usados¹⁷, como no caso da plataforma holandesa Tom Kabinet¹⁸, o sebo de *eBooks* está longe de se tornar popular no mercado editorial.

Melot (2012) ressalta a importância do conhecimento adquirido tanto pelo texto eletrônico, como pelo texto impresso, todavia, afirma que o pensamento advindo da tela é completamente diferente daquele nascido do livro. O autor vai mais além: “condenar-se-ia ao erro aquele que pretende comparar o livro com o computador. Suas lógicas são diferentes, ainda que elas compartilhem da escrita e da leitura. São dois mundos e nada indica que um deve excluir o outro” (MELOT, 2012, p.61).

De acordo com Dias, Vieira e Silva (2013), o conteúdo informacional e o suporte físico devem ser pensados de forma conjunta. Os autores apontam, ainda, a seguinte definição:

[...] livro eletrônico é a denominação da espécie, da classe (ou gênero) de leitores eletrônicos (e-readers), que tenham o animus de mimetizar e expandir as funcionalidades de um livro tradicional e, portanto, com pelo menos um conteúdo informacional (obra) contido em seus dispositivos de memória [...] (DIAS; VIEIRA; SILVA, 2013, p.11-12).

Em consonância com o pensamento dos autores, Ghaziri (2009, p.12) diz:

[...] se o texto é um objeto virtual, que se atualiza nos diferentes momentos e nas diferentes versões, parece lícito afirmar que ele não é independente de seus suportes; pelo contrário, a cada atualização, o texto recebe novas formas em conformidade com as materialidades que lhe dão suporte.

Por outro lado, Thompson (2013) afirma que o conteúdo é separável da forma, constituindo assim, uma característica básica do livro:

Esse é um traço que o livro tem em comum com outros produtos da mídia e com as indústrias criativas – filmes, música, jornais etc. – e é a razão por que o impacto da revolução digital nessas indústrias é

¹⁷ Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=80713>. Acesso em: 13/05/2015.

¹⁸ Disponível em: <http://www.tomkabinet.nl/>. Acesso em: 13/05/2015.

potencialmente tão mais demolidor do que, digamos, na indústria de refrigeradores. Em essência, a digitalização de conteúdo dissocia conteúdo de forma (THOMPSON, 2013, p.364).

A dificuldade em se definir com precisão o livro digital pode ser explicada, também, pela atual conjuntura em que o mesmo se encontra. Com dezenas de empresas, *softwares*, dispositivos de leitura e alguns formatos diferentes, o mercado editorial torna-se imprevisível, e ainda em fase de ajustes. Inúmeros *players* adentram no cenário com novos modelos de negócios, competindo pela fatia de um mercado cujas regras ainda não estão definidas de forma clara.

1.2.1 Elementos necessários para a leitura de um livro digital

Segundo Procópio (2010), alguns elementos se fazem necessários para a leitura de um livro digital, são eles: o *reader (software)*, o dispositivo de leitura (*hardware*) e o conteúdo do livro. Trataremos, neste tópico, de todos os três elementos indispensáveis para a visualização de um *eBook*.

1.2.1.1 *Software*

O *reader* é um aplicativo desenvolvido para a leitura dos livros digitais nos mais variados dispositivos existentes no mercado, sendo assim, peça fundamental para a visualização dos recursos utilizados na produção do livro eletrônico. Os *softwares readers* leem arquivos de diversos formatos e podem ser divididos de acordo com o aparato e o sistema utilizado. Neste momento, passamos a tratar apenas dos aplicativos *multiplataformas*, ou seja, que são compatíveis com dois ou mais sistemas. Os mais usados atualmente são:

- Adobe Reader: antes conhecido como Acrobat Reader, é um leitor de arquivos para o formato PDF. É compatível com Windows, Linux, Mac OS, Android¹⁹, iOS²⁰ e Windows Phone.
- Adobe Digital Editions: leitor de *eBooks* feito com base em *Flash*, é usado em computadores, *notebooks* e alguns leitores digitais, além de ser compatível com Windows e Mac OS;

¹⁹ Sistema operacional para dispositivos portáteis do Google.

²⁰ Sistema operacional para dispositivos portáteis da Apple.

- iBooks: aplicativo da Apple utilizado em dispositivos da companhia, como o iPod Touch, iPhone, iPad e computadores com o sistema Mac OS. Com ele, é possível visualizar livros digitais que possuem conteúdo multimídia;
- Kindle Reader: *software* da Amazon usado em seus dispositivos e em diversas outras plataformas;
- Kobo: Assim como a Amazon, a Kobo também possui um aplicativo para leitura de *eBooks* em vários sistemas;
- Nook Reading: *software* do *eReader* Nook. Também compatível com Windows, Android e iOS;
- Aldiko Book Reader: aplicativo usado em celulares e *tablets* compatíveis com Android;
- Mobipocket Reader: *software* bastante utilizado em celulares que usam como base o Symbian OS e o Palm OS;
- Bluefire: leitor de livros digitais para Windows, iOS e Android.
- Saraiva Digital Reader: programa usado pela Livraria Saraiva para a venda de livros. Também funciona como leitor de livros digitais em dispositivos com iOS, Android, Windows e Mac OS.

1.2.1.2 Dispositivo de leitura

Para a leitura do livro digital, além do *software*, é necessário também um *hardware* que comporte este aplicativo. Os dispositivos utilizados podem ser não-portáteis (computadores de mesa) ou portáteis, como celulares, *smartphones*, *notebooks*, *tablets* e *eReaders*.

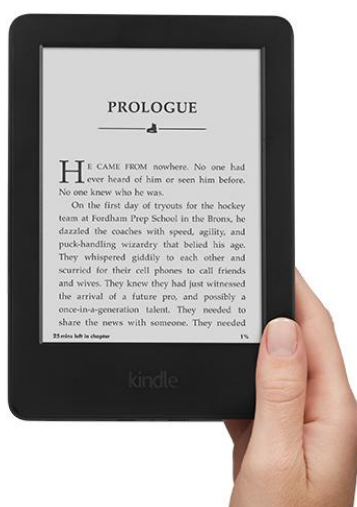
O conceito de *eReader* surgiu a partir do modelo idealizado por Vannevar Bush em 1945, mas, somente na década de 1990, algumas empresas começaram a produção de dispositivos eletrônicos dedicados exclusivamente à leitura, a saber, o SoftBook Reader e o Rocket eBook, com capacidade para armazenar cerca de cinco mil páginas de livros. No Brasil, as primeiras iniciativas só ocorreram a partir dos anos 2000, com o *eReader* Positivo Alfa²¹, da paranaense Positivo, e com o Mix Leitor-D²², da empresa pernambucana Mix Tecnologia. Após vários modelos sem sucesso, os *eReaders* só

²¹ Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/positivo-alfa.html>. Acesso em: 02/07/2015.

²² Disponível em: <http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,ERT138569-17171,00.html>. Acesso em: 02/07/2015.

ganharam força nos últimos anos, com o lançamento do Kindle, produzido pela Amazon. Esses dispositivos possuem como principal característica o uso de telas reflexivas, ou seja, tornam o conteúdo legível a partir da iluminação externa. Suas telas são feitas com a tecnologia e-Ink (*electrophoretic ink*), uma espécie de papel eletrônico capaz de simular com grande êxito a legibilidade do papel convencional e seu principal uso é para leituras de livros, revistas e jornais. Além do Kindle, existem vários outros leitores no mercado, como o Kobo, Nook, Saraiva Lev e outros.

Figura 10 – eReader Kindle

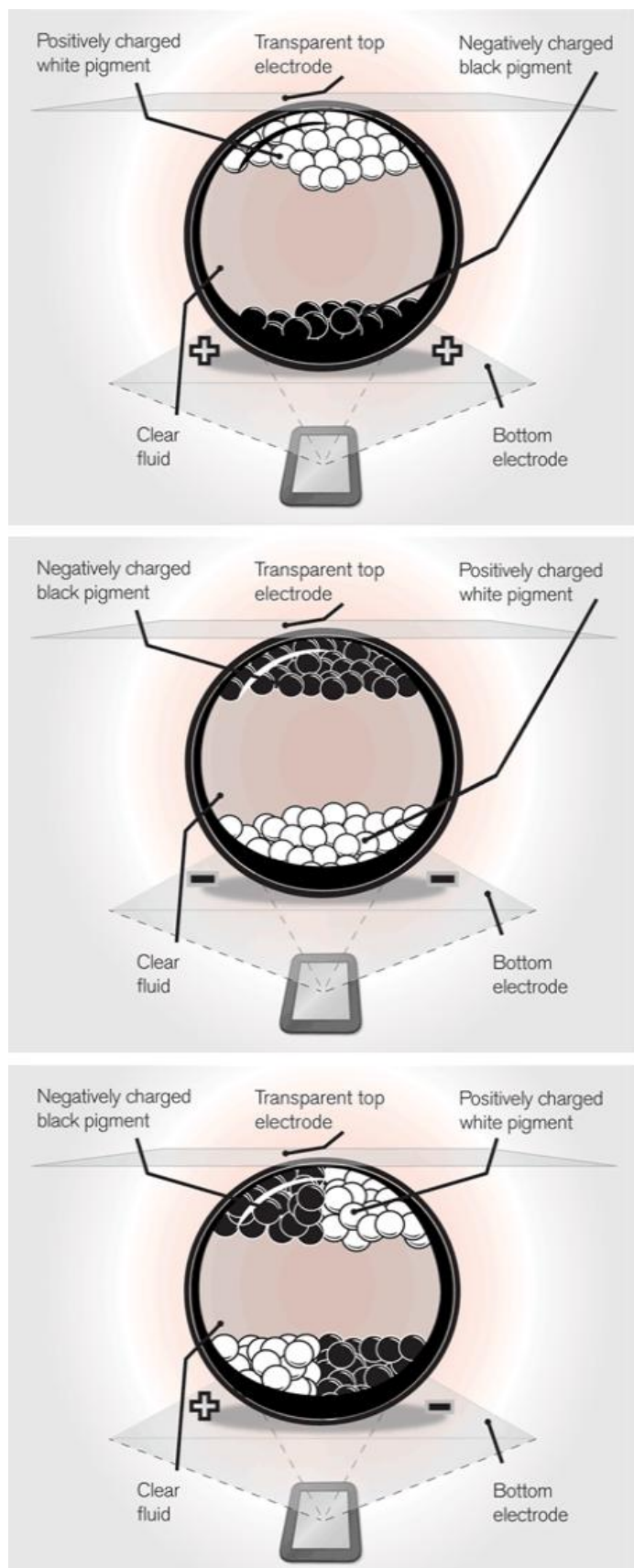


Fonte: http://g-ecx.images-amazon.com/images/G/01/kindle/dp/2014/KB/kb-slate-04-lg._V324779290_.jpg. Acesso em: 24/02/2015.

A tela de e-Ink é formada a partir de inúmeras cápsulas que, segundo a fabricante²³, são positivamente carregadas com partículas brancas e negativamente carregadas com partículas pretas. A partir da combinação destas cápsulas, formam-se os diversos pontos na tela, responsáveis por gerar a imagem. Conforme ilustração abaixo, para a formação de um ponto preto, os pigmentos brancos são levados para o fundo e os pretos, para a parte superior; para a composição de um ponto branco, o processo ocorre de maneira inversa; caso haja a necessidade de formação de pigmentos em tons de cinza, o campo magnético realiza a combinação de pigmentos das duas cores.

²³ Disponível em: <http://www.eink.com/technology.html>. Acesso em: 17/03/2015.

Figura 11 – Funcionamento de uma tela de e-Ink



Fonte: http://www.eink.com/how_e_ink_works.html. Acesso em: 17/03/2015.

Por não emitir luz, os dispositivos com tela de e-Ink possuem baterias mais duradouras, pois o consumo de energia ocorre, basicamente, apenas na troca de páginas. Alguns *eReaders* apresentam iluminação interna, mas com o intuito de iluminar a área de leitura, e não para a formação de imagens, como ocorre nas telas de LCD, por exemplo. Nesses modelos com iluminação interna, os pontos de luz são localizados nas laterais do dispositivo, fazendo com que a tela seja iluminada uniformemente. De toda forma, a maioria dos dispositivos que fazem uso da tela de papel eletrônico, possuem baterias que podem durar até 30 dias, de acordo com a periodicidade de leitura.

Figura 12 – Comparativo entre e-Ink, papel e LCD



Fonte: <http://www.vidasempapel.com.br/wp-content/uploads/2014/09/eink-papel-lcd.jpg>.
Acesso em: 17/03/2015.

Diferentemente dos *eReaders*, os *tablets* são multifuncionais, com boa capacidade de processamento e capazes de realizar manipulações de áudio, imagem e vídeo, além de executar diversos aplicativos de educação e entretenimento. Possuem acesso à internet e neles, também é possível realizar leitura de livros, jornais e revistas, só que com uma tela *touchscreen* que emite luz.

Quadro 1 – Comparativo entre dispositivos portáteis

DISPOSITIVO PORTÁTIL	TELA	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
<i>Tablet</i>	LCD ou LED.	Emite luz; multifuncional; consumo moderado de bateria.
<i>Smartphone</i>	LCD ou LED.	Emite luz; multifuncional; alto consumo de bateria.
<i>eReader</i>	e-Ink.	Reflete luz; utilizado para a leitura de livros, jornais e revistas digitais; consome pouca bateria.

Fonte: Criado pelo autor.

Algumas telas podem apresentar excelentes resoluções, melhores inclusive que as dos monitores e televisões, entretanto, sua luminosidade causa desconforto aos olhos quando utilizadas por muito tempo, o que segundo Carr (2011), afeta a experiência de leitura como um todo:

Palavras estampadas com tinta preta em uma página em branco são mais fáceis de ler do que palavras formadas de pixels sobre uma tela iluminada. Você pode ler uma dúzia ou uma centena de páginas impressas sem sofrer a fadiga ocular que frequentemente resulta mesmo de um breve período de leitura on-line (CARR, 2011, p.142).

Além de apresentar pior legibilidade, os *tablets* possuem, em essência, uma natureza dispersiva. De acordo com Carr (2011, p.93-94), o estado natural da mente humana é de desatenção, “nossa predisposição é descolar o nosso olhar, e assim nossa atenção, de um objeto para outro, ser cômicos do máximo possível que está acontecendo ao nosso redor”. Assim, as notificações dos inúmeros aplicativos instalados no dispositivo (alerta de recebimento de e-mail, curtida de uma foto no Instagram ou comentário de uma publicação no Facebook) favorecem o abandono da leitura imersiva, levando o leitor a se aventurar na imensidão de conteúdos da *web*. Lupton (2006) acredita que o leitor digital não é contemplativo, ele é impaciente e deseja se sentir produtivo. Entretanto, ainda segundo a autora, essa impaciência não é decorrente do desconforto da leitura em telas que emitem luz, e sim devido a questões culturais.

Em pesquisa realizada em 2013 pelo Book Industry Study Group, a maioria dos entrevistados disse preferir realizar a leitura de *eBooks* em *tablets* do que em *eReaders*. Desde 2009, primeiro ano em que a pesquisa foi realizada, essa foi a primeira vez em que o *tablet* passou a ser apontado como o dispositivo preferido para a leitura de livros digitais²⁴. Por outro lado, segundo um estudo divulgado na revista da Academia Americana de Ciências (PNAS), antes de dormir, recomenda-se a leitura de um livro impresso ao invés de um texto em dispositivos eletrônicos²⁵. Tal orientação ocorre devido à exposição da luz azul emitida pelos aparatos, responsável por afetar o relógio biológico interno, diminuindo a produção de melatonina.

Retomando os pensamentos de Carr (2011), independentemente do aparato eletrônico utilizado, haverá uma quebra na linearidade do livro. Ainda segundo o autor, a

²⁴ Disponível em: <http://revolucaoebook.com.br/leitores-ebooks-preferem-tablets-ereaders>. Acesso em: 24/07/2014.

²⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/12/ler-livro-impresso-prejudica-menos-o-sono-que-leitura-em-tablet-diz-estudo.html>. Acesso em: 04/05/2015.

disseminação dos aparatos portáteis fará com que, provavelmente, leiamos mais livros digitais, entretanto, o modo de leitura será completamente diferente.

1.2.1.3 Conteúdo

De acordo com Procópio (2010) o conteúdo do livro (obra escrita) é a parte mais importante no cenário do livro digital. Desde o início de sua trajetória até os dias atuais, o livro possui como elemento indispensável o conteúdo. O que muda é apenas o suporte, e com ele todos os recursos possibilitados pelas novas tecnologias. Thompson (2013, p.364) compartilha da mesma opinião ao afirmar que:

O livro físico – a página impressa, a encadernação e a cola, o objeto material de certo formato, tamanho e peso – é um suporte ou uma forma particular em que esse conteúdo tem sido costumeiramente realizado por cerca de quinhentos anos, mas não é a única forma em que foi realizado no passado nem a única forma em que poderá ser realizado no futuro. A digitalização de conteúdo simplesmente realça uma característica que sempre fez parte do livro, mas que ficou obscurecida pela equilibrada união de conteúdo e forma em um objeto físico específico. Ela acentua mais claramente o fato de que o verdadeiro valor do livro está no conteúdo, mais do que na sua forma física – daí o sempre repetido slogan associado à revolução digital: “o conteúdo é rei”.

Ainda segundo Thompson (2013), existem pelo menos nove aspectos em que as novas tecnologias podem auxiliar no aumento de valor real ao conteúdo, a saber: facilidade de acesso, capacidade de atualização, escala, possibilidade de pesquisa, portabilidade, flexibilidade, preços acessíveis, intertextualidade e multimídia. Alguns destes tópicos podem, também, ser reconhecidos como vantagens do livro digital perante o impresso, ou ainda, refletir a necessidade de novos usos por parte da sociedade, conforme veremos mais adiante.

A *facilidade de acesso* é uma das grandes vantagens na oferta de conteúdo por meio da internet, visto que o conteúdo online passa a estar disponível de forma ininterrupta, desde que haja acesso a uma conexão adequada. A *capacidade de atualização*, por sua vez, está diretamente relacionada à liberação de conteúdo, permitindo a atualização rápida e constante a baixo custo. O terceiro aspecto é a *escala*, que possibilita o acesso a uma imensa quantidade de material digital, o que na maioria das vezes seria inviável no produto físico.

A *capacidade de pesquisa* existente no impresso (índice, sumário) é largamente ampliada com o conteúdo eletrônico, possibilitando ao usuário uma forma bastante eficaz de localização da informação que lhe interessa. A *portabilidade* que permeia o surgimento do livro impresso também é potencializada no conteúdo digital, por meio da facilidade de armazenamento e transporte em diversos dispositivos. O sexto item é a *flexibilidade*, que consiste em um conjunto de funcionalidades programada pelo desenvolvedor do conteúdo ou do dispositivo para facilitar as ações do usuário, como o aumento do tamanho da fonte, por exemplo.

Os conteúdos digitais permitem *preços acessíveis*, já que é possível realizar uma economia no custo de fabricação de produtos físicos. A *intertextualidade*, presente nos livros impressos a partir das referências e notas de rodapé, torna-se muito mais dinâmica com os links internos e externos. Por último, o conteúdo digital permite ao desenvolvedor utilizar diversas formas, imagens, sons, vídeos, entre outros, a partir da *multimídia*.

Com o conteúdo integralizado, se faz necessário a escolha de um formato para exportação do arquivo final. Cada dispositivo de leitura necessita de um aplicativo para leitura, e cada *software* comporta formatos distintos. Dentre os formatos existentes, os mais utilizados são o PDF, *ePub* e AZW3.

Desenvolvido pela Adobe, o PDF (*Portable Document Format*) é um dos formatos mais populares dentre todos, pois pode ser lido por computadores e pela maioria dos *tablets*, *eReaders* e *smartphones*. Segundo Procópio (2013), o formato foi desenvolvido com o intuito de facilitar a visualização das provas de fotolitos antes da impressão. A principal vantagem da extensão, ainda segundo o autor, é a sua utilização em três esferas: distribuição, comercialização e, posteriormente, em leitura de *eBooks*, a partir da impressão sob demanda. Assim que os primeiros textos digitais passaram a ser disseminados, o PDF reinou de forma absoluta, já que os livros impressos eram escaneados e o conjunto de imagens gerados eram exportados no formato proprietário da Adobe. Isso fez com que o PDF se tornasse popular e, ainda hoje, imprescindível por prover o acesso a obras raras (PROCÓPIO, 2013).

Entretanto, “[...] o mundo mobile não se mostrou o ambiente ideal para o PDF, pois a infinidade de tamanhos, padrões, recursos e peculiaridades dos sistemas operacionais móveis não favoreceu quem antes reinava absoluto no desktop” (FLATSCHART, 2014, p.25). De acordo com Horie (2011, p.17), o formato “provê um layout similar à versão impressa do livro, com fontes, margens das páginas e disposição

dos elementos de página”, principalmente por grande parte do acervo inicial de textos digitais estar neste formato.

O *ePub* (abreviação de *electronic publication*) é um padrão internacional para *eBooks*, livre e aberto. Também conhecido como o MP3 dos livros, ele possibilita uma boa leitura em diversos dispositivos tecnológicos, tais como: computadores, *notebooks*, *smartphones*, *eReaders* e *tablets*. A base do *ePub* é bastante simples, pois ele é produzido em XHTML, em geral, com os mesmos códigos utilizados no desenvolvimento de uma página simples para *web*. Além disso, é permitido realizar alterações no estilo das páginas com CSS, tornando os livros mais atrativos visualmente. De forma resumida, podemos dizer que o *ePub* “[...] é um pacote formado por documentos XHTML que exibem conteúdo, documentos XML que definem estrutura e metadados, documentos CSS que marcam a formatação visual, arquivos de imagens e arquivos de fontes” (FLATSCHART, 2014, p.40).

O formato surgiu em 2007, organizado por um consórcio de empresas chamado IDPF (*International Digital Publishing Forum*)²⁶, entre elas Sony, Adobe, Microsoft, além de grandes editoras inglesas e norte-americanas. A adoção do padrão decorre de necessidades básicas, como a escolha de um padrão aberto que possa ser aperfeiçoado ao longo do tempo, à medida que o mercado evolui e a possibilidade do livro ser lido pela maior quantidade de aparelhos e programas possíveis, facilitando a cadeia de produção.

Diferentemente do PDF, o *ePub* permite ao usuário alterar o tamanho da fonte utilizada no texto, e as imagens também podem ser redimensionadas de acordo com o tamanho da tela do dispositivo utilizado. Entretanto, também é possível desenvolver arquivos no formato *ePub* com *layout* fixo (*fixed layout ePub*). A fim de acompanhar a popularização dos dispositivos portáteis e as características dos formatos mais atuais para a leitura de textos digitais, o PDF passou a utilizar um recurso conhecido por *text reflow*, que permite ao texto se adequar de forma automática a um determinado local. A adoção deste recurso faz com que o conteúdo do arquivo possa ocupar um espaço não utilizado nas telas, diminuindo a utilização de barras de rolagem.

Já o AZW3, extensão proprietária da Amazon, é o formato padrão de *eBooks* do leitor e aplicativo Kindle. Assim como o *ePub*, o AZW3 também possibilita a fluidez do conteúdo, tornando a visualização mais agradável ao leitor. A base do formato é o *Mobi*, utilizado na primeira geração do *eReader* Kindle. Com o tempo, o *Mobi* foi reestruturado

²⁶ Disponível em: <http://idpf.org>. Acesso em: 10/05/2014.

para receber um sistema de proteção na venda dos livros digitais, transformando-se no AZW. Por último, com o lançamento do *tablet* Kindle Fire, a Amazon anunciou o KF8 (*Kindle Format 8*), também conhecido por AZW3, que funciona em condições semelhantes ao *ePub*, com suporte a HTML5 e CSS.

1.2.2 Categorização dos livros digitais

Conforme já apresentamos anteriormente, as definições em torno do livro digital parecem imprecisas e ambíguas, ora tratam o livro digital como sendo apenas o conteúdo informacional, ora o mencionam apenas como o dispositivo de leitura (*hardware*) utilizado. Assim, para embasar esse pensamento, recorremos a Slowinski (2003 *apud* FURTADO, 2006, p.12), ao afirmar que conceito de livro digital:

[...] tem sido discutido de modo impreciso numa série de contextos em que se sublinha, por um lado, o conteúdo digital ou digitalizado e, por outro, as características do medium em que ele é apresentado. [...] O entendimento do que é um e-book vai desde um simples ficheiro digital do conteúdo dum livro até o ficheiro digital acompanhado pelo software que possibilita o acesso e a navegação do conteúdo. Outros referem-se ao e-book a partir do outro lado do espectro, fazendo referência apenas ao novo hardware que irá conter os ficheiros eletrônicos de livros.

Bottentuit Junior e Coutinho (2007) concordam com a afirmação quando dizem que muitas vezes, os livros eletrônicos são confundidos com a digitalização de livros impressos. Os autores mencionam, ainda, que para ser considerado um *eBook*, a produção do mesmo deve ser pensada de forma a utilizar os recursos digitais, obedecendo a aspectos estéticos, gráficos e organizacionais.

Surgem, então, alguns questionamentos: o livro digital seria todo e qualquer livro capaz de ser visualizado em dispositivos eletrônicos? Ou apenas aqueles que possuem algumas funcionalidades específicas? Para tentar responder a essas questões, decidimos dividir os livros digitais em algumas categorias descritas abaixo. De antemão, entendemos que todas elas constituem modelos de livro eletrônico. A ideia de organizar os *eBooks* em categorias surgiu ainda na graduação, resultando na publicação do trabalho de conclusão de curso (ALMEIDA, 2012) e aperfeiçoado durante o mestrado com a publicação de um capítulo de livro (ALMEIDA, 2013) financiado pela UFPB Virtual e Universidade Aberta do Brasil.

1.1.2.1 Livros digitalizados

Compreendem o acervo de livros impressos que passaram por um processo de digitalização (geralmente de forma ilegal, sem a autorização do autor ou editora), transformando todo o conteúdo das páginas em imagem. Nessa categoria, não é possível a busca de palavras por não haver conteúdo textual, exceto nos casos em que a digitalização é feita com a tecnologia OCR (*Optical Character Recognition*)²⁷, que reconhece caracteres a partir de um arquivo de imagem. Na maioria das vezes são encontrados em formato de imagem (JPEG) ou em PDF.

Figura 13 – Exemplo de livro digitalizado



Fonte: Imagem criada pelo autor a partir de visualização no iPad.

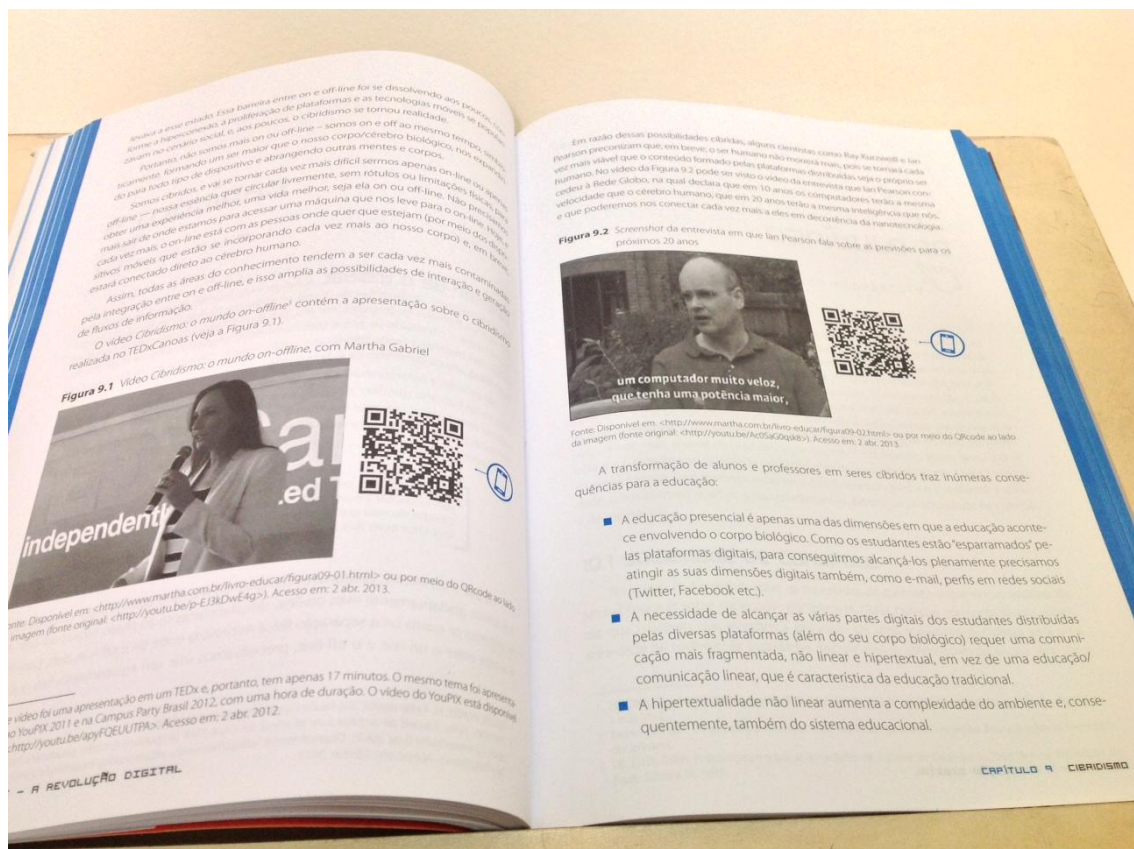
1.1.2.2 Livros híbridos

Apresentam vantagens do impresso e do digital. Possuem o formato de códice e a legibilidade do livro impresso, além de recursos de busca e compartilhamento propiciados

²⁷ Tecnologia presente em *softwares* capaz de transformar a imagem de um conteúdo digitalizado em caracteres editáveis.

pelos eBooks. Podemos encontrá-los em livros didáticos que disponibilizam conteúdos complementares por meio do site da editora; ou ainda, em obras impressas que fazem uso de QR Codes²⁸, direcionando o leitor a conteúdos (textuais, imagéticos, sonoros, em vídeo, entre outros) disponíveis na internet.

Figura 14 – Exemplo de livro híbrido



Fonte: Fotografia do livro “educ@r: a (r)evolução digital na educação”, de Martha Gabriel.

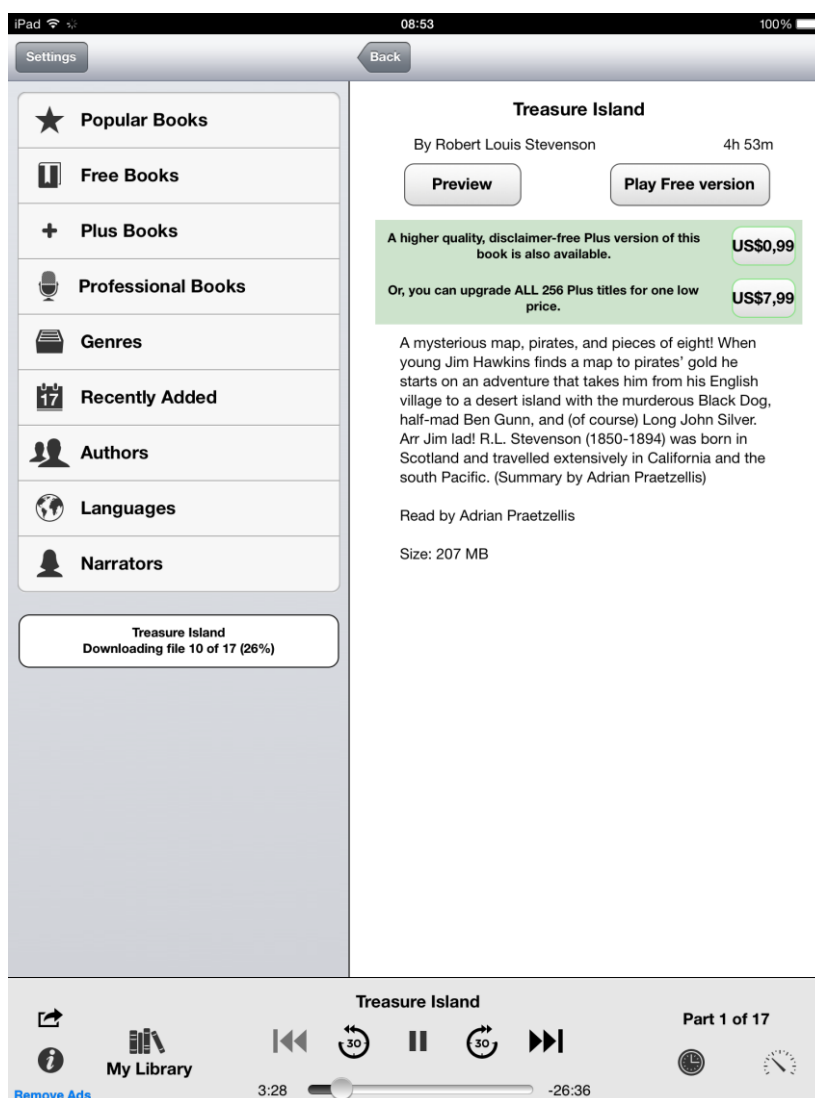
1.1.2.3 Livros de áudio

Também denominados de *audiobooks*, tais livros consistem na gravação do conteúdo do livro lido por um narrador, onde as falas são interpretadas e diversos efeitos sonoros podem ser inseridos. Antigamente era possível encontrar os livros de áudio gravados em fitas K-7 e CDs, mas com o processo de digitalização dos conteúdos de áudio, os formatos dos arquivos geralmente estão em MP3, WMA ou Ogg.

²⁸ O QR Code é uma imagem que armazena um código identificado pela maioria dos *smartphones*. Ao tirar uma foto da figura, a partir de aplicativos específicos, o usuário é direcionado a uma página da internet com conteúdo complementar pré-definido pelo desenvolvedor da imagem.

Os usuários de livros de áudio geralmente são pessoas que não possuem tempo para a leitura e aproveitam os períodos de deslocamento nas grandes cidades para realizar tal atividade, ou ainda, deficientes visuais.

Figura 15 – Exemplo de livro de áudio



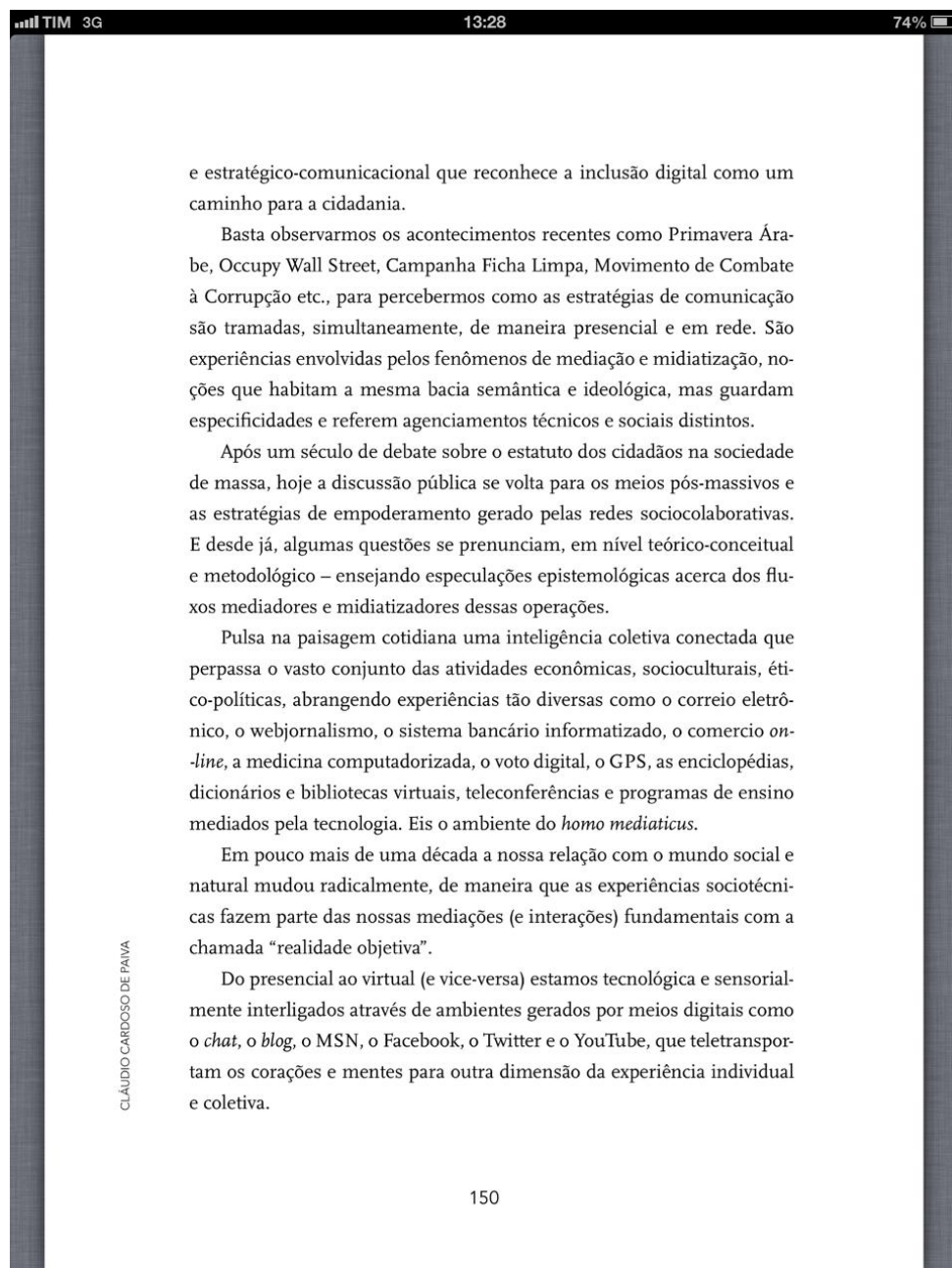
Fonte: Imagem criada pelo autor a partir de visualização no iPad.

1.1.2.4 Livros digitais estáticos

Geralmente encontrados no formato PDF, seu processo de diagramação é bastante semelhante ao de um livro impresso, pois seus elementos são fixos, sempre posicionados nos mesmos locais. Esses livros possuem o recurso de busca de palavras, além de conter links internos (para outras partes do livro) ou externos (para sites, por exemplo). Há grande dificuldade de visualização desse tipo de livro digital em dispositivos que utilizam

telas pequenas, como os *smartphones*. A maior parte dos livros gratuitos encontrados na internet pertencem a esta categoria.

Figura 16 – Exemplo de livro digital estático



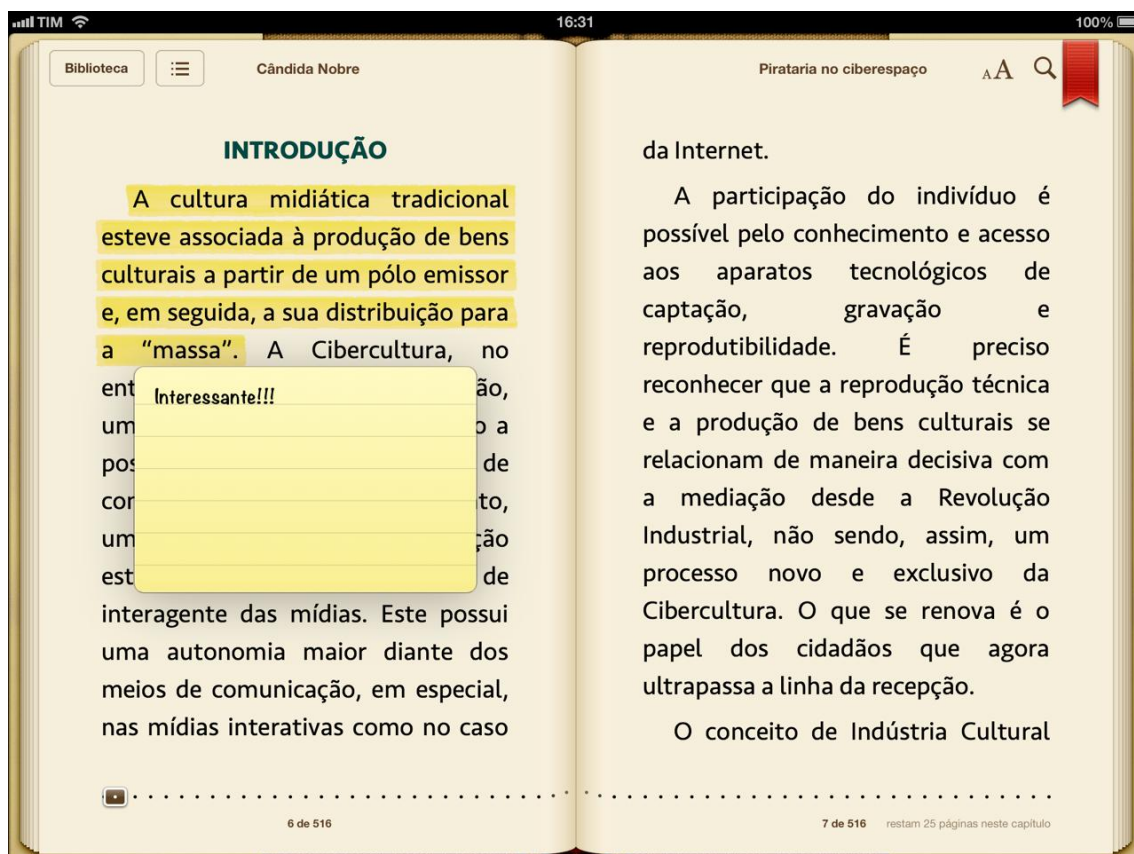
Fonte: Imagem criada pelo autor a partir de visualização no iPad.

1.1.2.5 Livros digitais dinâmicos

Possuem conteúdo fluido, ou seja, os elementos se adequam de acordo com o tamanho da tela do dispositivo utilizado. Além da utilização de links e do recurso de busca de palavras, é possível alterar o tamanho da tipografia, facilitando a leitura em

dispositivos portáteis. Atualmente, a maioria dos sites que comercializam livros digitais utilizam os livros de formato fluido pela facilidade de leitura em qualquer aparato. Podem ser encontrados nos formatos *ePub*, *Mobi*, *AZW3* e *PDF (reflow)*.

Figura 17 – Exemplo de livro digital dinâmico



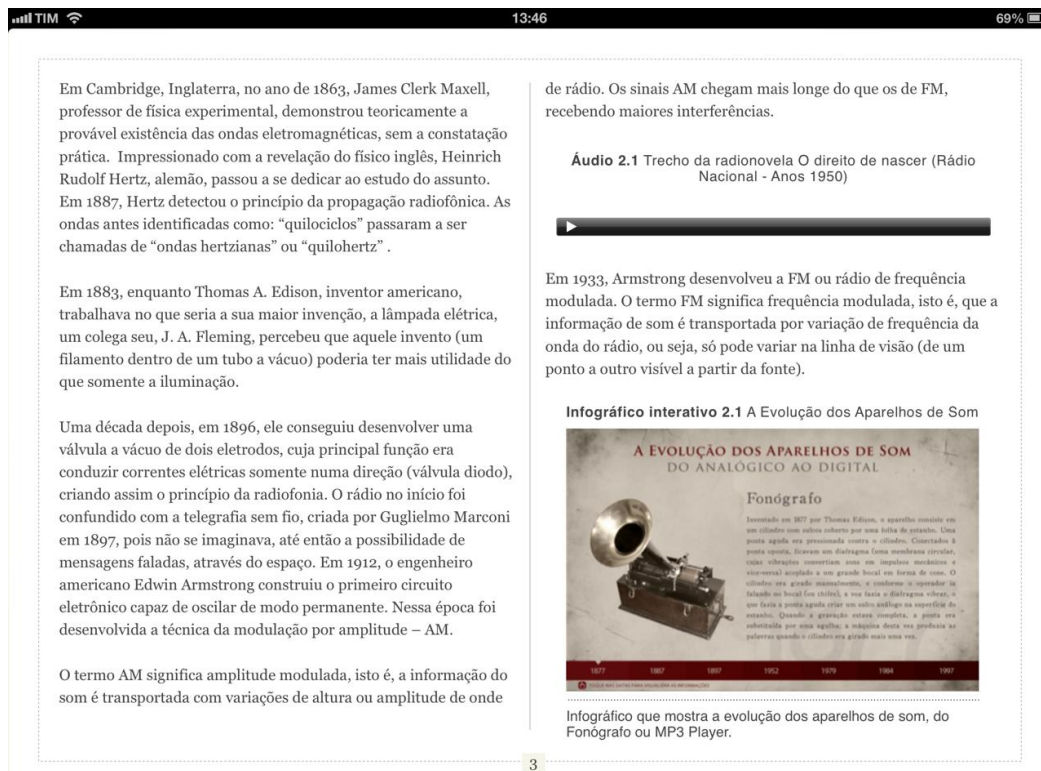
Fonte: Imagem criada pelo autor a partir de visualização no iPad.

1.1.2.6 Livros multimídia

São aqueles que possuem conteúdo interativo e recursos audiovisuais extras, como vídeos, infográficos, modelagens em três dimensões, enquetes, animações, entre outros. Podem ser encontrados com layout fixo (como nos livros impressos, nos livros digitais digitalizados e estáticos) ou fluido (como nos livros digitais dinâmicos). Também possuem conteúdo fluido e podem ser encontrados como livros em forma de aplicativos (*appbooks*) ou em qualquer formato que utilize XHTML, HTML5 e CSS como base.

Para Flatschart (2014, p.55), os mercados de livros infantis e o de produtos didáticos são os que mais fazem uso desta categoria, explorando “[...] recursos interativos apoiados em estratégias como *storytelling*, *transmedia* e *gamefication*, que buscam dar vida própria ao conteúdo e propiciar novas experiências sensoriais ao leitor”.

Figura 18 – Exemplo de livro multimídia



Fonte: Imagem criada pelo autor a partir de visualização no iPad.

A fim de deixar a categorização ainda mais clara, elaboramos um quadro resumido com o nome da categoria, alguns usos comuns e os formatos mais utilizados. Ressaltamos que esta tabela condiz com a atual conjuntura do livro digital, sendo possível se tornar desatualizada em um futuro próximo, com a emergência de novas necessidades e formatos.

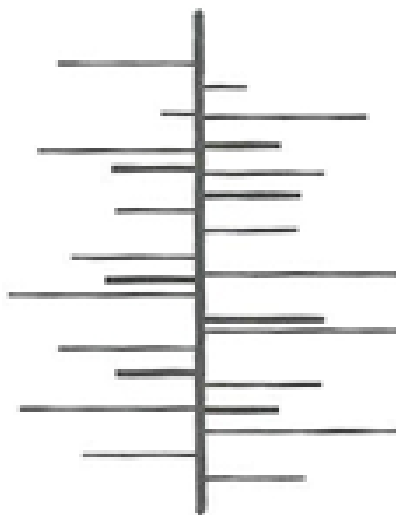
Quadro 2 – Categorização dos livros digitais

CATEGORIAS	USOS	FORMATOS
Livros digitalizados	Obras antigas, originadas antes do surgimento dos livros digitais.	JPEG, PDF.
Livros híbridos	Livros didáticos.	Impresso + Web.
Livros de áudio	Livros da área de direito e de cursos de idiomas.	MP3, WMA, Ogg.
Livros digitais estáticos	Maior parte dos livros encontrados na internet.	PDF.
Livros digitais dinâmicos	Livros adequados para a leitura em dispositivos portáteis, categoria utilizada pelas maiores lojas de livros digitais.	ePub, Mobi, AZ3, PDF (reflow).
Livros multimídia	Livros infantis, didáticos e da área de medicina.	Appbooks ou que tenham XHTML, HTML5 ou CSS em sua base.

Fonte: Tabela criada pelo autor.

Leão (2005) realizou uma breve análise da complexidade hipertextual de um livro eletrônico (com pouca utilização de recursos interativos, correspondente aos livros digitalizados e digitais estáticos, pela nossa categorização) e de uma rede interconectada.

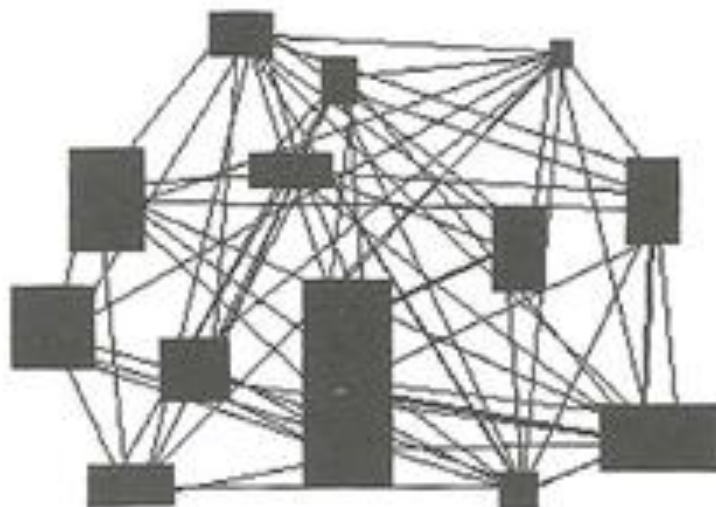
Figura 19 – Diagrama da estrutura de um livro eletrônico semelhante ao impresso



Fonte: LEÃO (2005).

Segundo a autora, existe um salto qualitativo de complexidade entre a estrutura hipertextual de um livro eletrônico como simulação do impresso e a organização em rede. No diagrama do impresso, podemos visualizar um elemento central com várias partes subordinadas. Neste caso, há uma tentativa de simular recursos provenientes do livro impresso e a estrutura apresenta elementos de construções tradicionais, como notas de rodapé, glossários e referências, apenas links internos.

Figura 20 – Representação da estrutura de rede



Fonte: LEÃO (2005).

Na representação da estrutura de uma rede interconectada, todos os pontos estão interligados, dificultando a definição dos limites do texto. Este diagrama aplica-se perfeitamente ao modelo de livros multimídia, em geral, com maior interatividade, em que o leitor pode realizar diversas consultas a links externos ao livro e fazer associações com o vasto conteúdo disponível na rede.

Com a categorização dos modelos de livros digitais existentes no mercado, entendemos que não há necessidade da obra apresentar funções específicas (geralmente elementos típicos de livros multimídia, como áudio, vídeo e animações) para ser considerada um *eBook*. Por mais que consideremos a falta de exploração de alguns tipos de recursos interativos uma “pobre apropriação da mídia” (LEÃO, 2005), entendemos que todas as categorias apresentadas neste tópico podem ser reconhecidas como exemplos legítimos de livros digitais.

PARTE II

2 O LIVRO COMO PROCESSO HIPERMIDIÁTICO

Após uma longa trajetória do livro impresso ao digital, abandonaremos o conceito de livro apenas como um suporte de leitura, escrita e aquisição de conhecimento, e começaremos a trabalhar a ideia de livro, em formato digital, como um processo hipermidiático. Esta ideia surge a partir do caráter interativo intrínseco ao hipertexto, elemento fundamental no livro digital, e é sustentada por Leão (2005, p.16) quando conceitua hipermídia como “[...] uma tecnologia que engloba recursos do hipertexto e multimídia, permitindo ao usuário a navegação por diversas partes de um aplicativo, na ordem que desejar”.

O processo hipermidiático do livro digital é formado por diversos atores sociais e ambiências distintas, com o setor editorial entendido como um elemento mais amplo, composto pelo tripé: editor, autor e leitor. Utilizamos o termo *setor* devido ao seu caráter mais abrangente, conforme Thompson (2005, p.6):

Um setor é um espaço estruturado de posições sociais; é um espaço estruturado de recursos e poder com suas próprias formas de competição e premiação. Mercados são partes importantes dos setores, mas setores são muito mais do que mercados: eles também são formados por agentes e organizações e as relações entre eles, por redes e cadeias de suprimentos, por diferentes tipos e quantidades de poder e recursos que são distribuídos de determinadas maneiras, por práticas específicas e formas de competição, etc²⁹.

Com o constante surgimento de novas tecnologias, qualquer tentativa de prever o que acontecerá com o livro digital nos próximos anos torna-se um exercício pautado no achismo. Kelly (2012, p.352) confirma nosso pensamento quando afirma que hoje, “temos uma noção básica e instintiva de que as mudanças tecnológicas são tão rápidas que seria impossível imaginar o que vai acontecer dentro de 30 anos, quanto mais 100”. O que faremos, nesta segunda etapa, é a reunião de fatos, necessidades, novos usos e tendências que podem nos mostrar a direção para onde aponta o vetor do setor editorial.

²⁹ Tradução livre de: “A field is a structured space of social positions; it is a structured space of resources and power with its own forms of competition and reward. Markets are an important part of fields, but fields are much more than markets: they are also made up of agents and organizations and the relations between them, of networks and supply chains, of different kinds and quantities of power and resources that are distributed in certain ways, of specific practices and forms of competition, etc”.

2.1 METODOLOGIA

De que forma as novas práticas de produção e compartilhamento da indústria editorial, a autonomia do autor e a dinâmica do leitor, a partir de todo o processo interacional existente no ciberespaço, está exigindo uma reconfiguração do setor editorial? Este é o principal questionamento que tentaremos responder como resultado dessa pesquisa.

Para alcançar os objetivos propostos, faz-se necessário estabelecer os procedimentos metodológicos adequados para o desenvolvimento da pesquisa. De acordo com Santaella (2001, p.131-132),

[...] para realizar uma pesquisa em comunicação, por exemplo, é necessário estudar minimamente o desenvolvimento histórico da área, conhecer o que os comunicólogos estão fazendo, inteirar-se de suas teorias, familiarizar-se com os métodos que empregam e das diferentes situações que os empregam, contribuir, através da competência que o tempo e a dedicação trazem, com a transformação e o aperfeiçoamento desses métodos através de pesquisas próprias.

Considerando que nosso objetivo declarado na introdução é o de analisar o livro digital como processo hipermidiático a partir de seus novos usos e práticas, e que essa propositura confere ao trabalho uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter empírico, é que definimos os procedimentos metodológicos necessários para entender, a partir de dados atualizados sobre o mercado de livros digitais, suas novas possibilidades e recursos, os significados e as implicações da crescente adoção dos *eBooks* na sociedade midiaticizada.

Na primeira etapa desses procedimentos metodológicos realizamos a pesquisa exploratória, que nos permitiu fazer o levantamento bibliográfico em livros, periódicos e *sites* sobre os temas distribuídos em alguns campos principais, são eles: livro digital, tecnologias portáteis, mercado editorial, cibercultura e midiaticização.

A pesquisa exploratória, como sabemos, permite-nos realizar o levantamento dos aspectos gerais do objeto a ser estudado, e, por isso, é necessário um aporte teórico para respaldar o estudo. Nesse sentido, adotamos a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*)³⁰, que, segundo Strauss e Corbin (1990, p.23) “é aquela derivada indutivamente do estudo do fenômeno que representa, isto é, ele é descoberto, desenvolvido e

³⁰ Teoria inicialmente proposta por Glaser e Strauss (1967) na obra *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*.

provisoriamente verificado por meio de sistemática coleta e análise de dados”. Realizamos, então, um mapeamento das atividades que envolvem os autores, leitores, suportes e mudanças que estão ocorrendo no setor editorial, para assim poder compor uma demonstração de como a área está se configurando e apontar tendências. A utilização da Teoria Fundamentada se deu pela necessidade de analisar os dados de modo a entender a atual conjuntura do livro digital no ciberespaço, já que, de acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011), uma teoria sobre um determinado fenômeno passa a ser desenvolvida “a partir de uma sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades”.

A etapa seguinte constituiu na aplicação da pesquisa explicativa, com propósito de realmente poder interpretar e explicar os fenômenos que envolvem o objeto de estudo, uma vez que esse tipo de pesquisa permite a “identificação dos fenômenos, buscando explicações para os fatores que contribuem para a ocorrência desses fenômenos” (OLIVEIRA, 2005, p.37).

Por estarmos tratando de um processo ainda em aberto, de constante mudança, a metodologia deve ser flexível, a fim de compreender claramente essas alterações. Essa imprevisibilidade do fenômeno corrente pode ser explicada pelo fato de estarmos estudando um processo que tem como ambiência uma indústria em estado de fluxo:

Devido a sua própria natureza, essa é uma tendência imprevisível, que depende de uma série de fatores incalculáveis, desde inovações ainda desconhecidas até os hábitos e gostos dos leitores, e não há como saber com certeza se a tendência continuará sua curva ascendente, se ela se estabilizará ou se irá cair em algum momento. Tentar prever o padrão das vendas de e-books para os próximos três anos é como tentar prever o clima daqui a seis meses (THOMPSON, 2013, p.353).

Desse modo, nos tópicos subsequentes apresentamos os aspectos referentes ao objeto de estudo e que permitiram a análise fim desse trabalho.

2.2 O SETOR EDITORIAL E SEUS AGENTES

Historicamente, o setor editorial já passou por muitas mudanças em seu funcionamento. Do livro impresso ao digital, um modelo de negócios altamente consolidado (composto pelo autor, editor, impressor, distribuidor, livreiro e leitor) passou a dar sinais de instabilidade, já que o ambiente digital propicia a execução do processo com um número menor de intermediários. Além do mais, as necessidades dos agentes da

cultura participativa jamais irão se alinhar de forma plena aos interesses das grandes corporações (JENKINS; FORD; GREEN, 2014).

Este tópico apresenta uma espécie de preâmbulo para o desenvolvimento da análise. Aqui, mostramos como funcionava o setor editorial antes do advento do livro digital, e como este setor está se configurando perante às inúmeras alterações que vêm sofrendo nos últimos anos. Destacamos, também, a impossibilidade de tratar cada um dos agentes do setor editorial – editor, autor e leitor – de forma completamente isolada, já que os acontecimentos de um determinado agente irão influenciar diretamente a sua relação com os demais.

2.2.1 O dinamismo do leitor

De acordo com Chartier (2003), com o rolo de pergaminho, o leitor era preso ao suporte, necessitando das duas mãos para utilizá-lo, impossibilitando a escrita em um mesmo instante em que o texto era lido. Com o códex, ocorre a liberdade do leitor, já que, “colocado sobre uma mesa ou escrivaninha, o livro em cadernos não exige mais a mesma mobilização do corpo. O leitor pode distanciar-se, ler e escrever ao mesmo tempo, ir, como lhe aprouver, de uma página a outra, de um livro a outro” (CHARTIER, 2003, p.41).

Ainda segundo o autor, há uma “revolução da leitura” no momento em que, no século XVIII, com a disseminação de obras geradas pela impressão, ocorre uma profunda alteração no tipo de leitura: de uma “leitura intensiva”, em que os textos eram lidos e relidos, memorizados e recitados; para uma “leitura extensiva”, a partir da grande quantidade de textos lidos, sempre de forma rápida. Carr (2011, p.148), avalia a importância de analisar o impacto dessas transformações, já que “as mudanças no estilo de leitura também trazem mudanças no estilo de escrita, à medida que os autores e suas editoras se adaptam aos novos hábitos e expectativas dos leitores”.

Partindo do que foi exposto por Chartier (2003), a evolução do leitor está ligada diretamente ao suporte utilizado para a leitura. Do “leitor preso” (rolo), ao “leitor liberto” (códex), chegamos ao leitor ativo, independente. O atual perfil de leitor passa a não depender mais apenas de um suporte de leitura, ele é livre para contemplar o conteúdo, em sua essência, podendo visualizá-lo em diversos aparatos eletrônicos.

O livro digital propicia ao leitor a instantaneidade no acesso à obra. Não é mais necessário o deslocamento até a livraria mais próxima ou a espera de dias para que o livro

chegue ao seu destino, o acesso encontra-se à distância de apenas um clique. A facilidade de alocar e consultar diversos livros em um único aparato, faz com que o leitor tenha sempre uma biblioteca em suas mãos.

As incontáveis possibilidades geradas pela utilização de *hiperlinks* permitem ao leitor acesso imediato a diversos outros conteúdos, sejam estes encontrados no próprio livro digital ou em qualquer outro local da rede. Segundo Bairon (2011, p.63), “o usuário de hipermídias deve estar extremamente ativo na hora de manejar a informação, uma vez que o modo de ser da compreensão com a qual está se relacionando, não permite, sob hipótese alguma, um comportamento passivo”. O leitor ativo deixa de ser um mero expectador da obra, passa a ser um “construtor de labirintos” (LEÃO, 2005), podendo interagir com o autor, com outros leitores, e até mesmo, tornar-se coautor, participando ativamente da construção do texto.

2.2.2 A primazia do autor

No período em que os livros ainda eram manuscritos, grande parte dos escritores ditava as suas obras a um copista profissional. Entretanto, assim que a escrita se tornou mais fácil, a partir da introdução dos espaços entre as palavras, os autores passaram a escrever seus próprios textos, de forma privada (CARR, 2011). Nesse momento, identificamos um primeiro nível de autonomia do autor, que conseguiu se desvincular dos copistas, diminuindo os custos de produção do livro.

Em um segundo momento, com a disseminação do impresso, os autores passaram a depender do crivo das editoras para que seus livros pudessem ser publicados. Os autores que não tinham renome ou valor comercial, eram prontamente descartados. Para estes autores, a única saída era a autopublicação, que se apresentava como uma alternativa extremamente onerosa devido ao alto custo de produção e impressão da obra. Segundo Procópio (2013, p.50), a autopublicação sempre existiu, ela apenas “ficou adormecida durante o período em que a mídia editorial, hoje chamada tradicional, esteve nas mãos de intelectuais que se consideravam donos do conhecimento”. Assim, o processo de autopublicação ou edição do autor pode ser considerado a segunda fase de autonomia possibilitada ao autor.

Com o advento do livro digital, observamos uma profunda mudança no setor editorial. O autor passa a ser afetado diretamente pelo surgimento de novos suportes e modelos de negócio, influenciando o seu estilo de escrita. Para Carr (2011, p.152),

A natureza provisória de um texto digital também promete influenciar os estilos de escrita. Um livro impresso é um objeto acabado. Uma vez impressas nas suas páginas, suas palavras se tornam indelévels. A finalidade do ato de publicação há muito tempo tem instalado nos melhores e mais conscienciosos escritores um desejo, e mesmo uma ansiedade, de perfeição dos trabalhos que produzem – escrever com um olho e um ouvido na eternidade. O texto eletrônico é impermanente.

A partir da instauração da cibercultura, o autor alcança a sua primazia, o terceiro estágio de autonomia: a autopublicação digital. Entendendo o ciberespaço como “um espaço informacional, no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários” (SANTAELLA, 2004, p.45), hoje, com a consolidação dessa infraestrutura, o autor é capaz de escrever, publicar e disseminar sua obra na internet sem custo algum.

2.2.3 A desconstrução do editor

A função de editor surgiu com a disseminação da tipografia, apresentando a responsabilidade de pensar no mercado, arriscando fórmulas editoriais com foco no público comprador anônimo (BRAGANÇA, 2002). O autor afirma, ainda, que o editor (também chamado de impressor-editor) trabalhava em duas direções:

[...] na busca do texto original [...] para servir ao público de estudantes, eruditos intelectuais e clérigos, e, de olho no público incipiente que se formava nas cidades e seus arredores, fazia livretos, livrinhos e folhetos, em romance, criando ou transformando originais, reduzindo e simplificando textos para conseguir fazer produtos leves, coloridos e baratos que atraíssem esses novos leitores e leitores-ouvintes ávidos pela experiência da decifração mágica do texto impresso (BRAGANÇA, 2002, p.5).

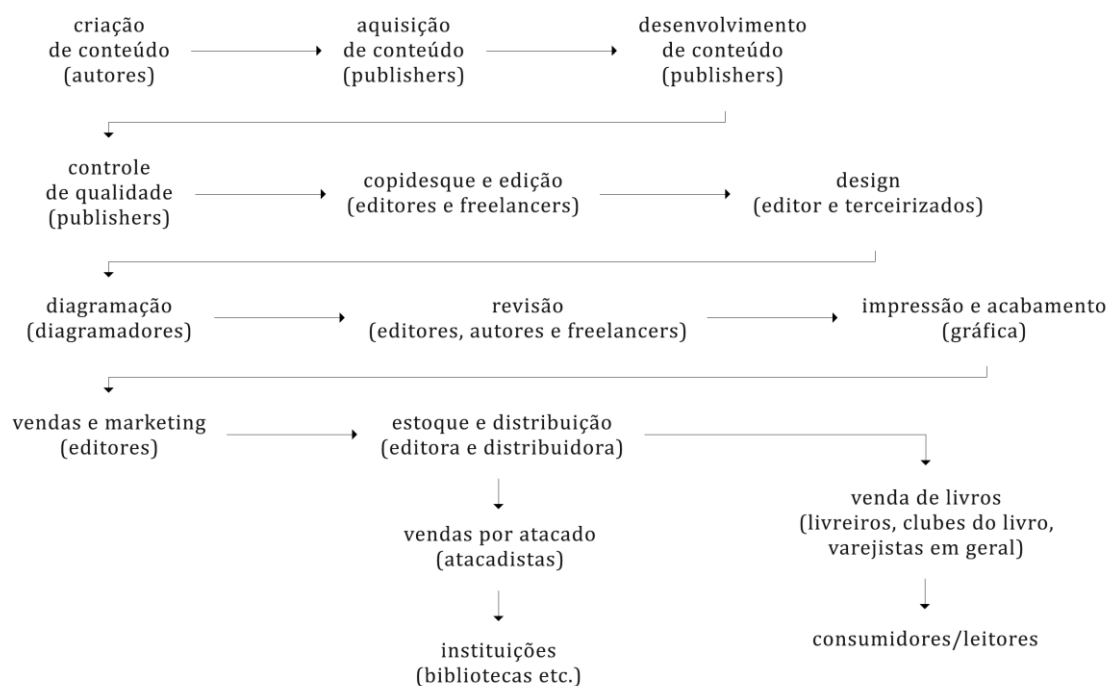
A partir de critérios mercadológicos, o editor era responsável por ditar aquilo que deveria ser publicado, autores desconhecidos dificilmente tinham vez nos selos das grandes editoras. De acordo com Procópio (2013, p.51), a figura do editor era mais importante do que a do próprio autor, já que “sua função social era a de levar os melhores produtos literários às estantes de livrarias e bibliotecas”.

A partir de 1930, surgiu um novo termo para designar o profissional que era capaz de articular os interesses editoriais e comerciais de uma publicação, o *publisher*. O termo foi criado nos Estados Unidos, quando Henry Luce criou a Life, uma revista com forte

apelo fotográfico, um formato inovador no mercado editorial americano³¹. Após o sucesso da revista, outros empresários passaram a se dedicar de forma direta ao desenvolvimento de revistas e jornais.

O *publisher*, diferentemente do editor, possui uma visão mais ampla do negócio, sendo responsável por todo o processo de publicação, envolvendo a produção de conteúdo, circulação, distribuição, assinaturas, licenciamentos, eventos, publicidade, recursos humanos, parcerias e convênios. Thompson (2013) afirma que as principais funções de um *publisher* são: 1) aquisição de conteúdo e construção do catálogo; 2) investimento financeiro e avaliação de riscos; 3) desenvolvimento de conteúdo; 4) controle de qualidade; 5) gerenciamento e coordenação; e 6) vendas e marketing. Segundo o autor, estas são algumas das principais maneiras que a editora possui para agregar valor ao seu trabalho.

Figura 21 – Cadeia de valor na área editorial



Fonte: Adaptada de Thompson (2013, p.22).

A figura 21 mostra, de maneira simplificada, como funciona o processo de produção do livro impresso. Com o advento do livro digital, o processo, como um todo, foi barateado e algumas destas etapas deixam de existir (principalmente as fases relacionadas à impressão e distribuição da obra).

³¹ Disponível em: <http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/43/artigo212403-1.asp>. Acesso em: 18/05/2015.

Segundo Procópio (2013), o mercado teve que reinventar o livro para atender a um novo perfil de leitor, que não era mais aquele consumidor pacífico dos anos 1980. E o principal desafio deste mercado era criar algo novo sem abandonar aquilo que já existia. Para Parry (2012), mesmo com o advento do livro digital, a função do editor continua sendo selecionar um produto que, mesmo envolto às inúmeras ofertas do mercado, agrade ao público-alvo. Em consonância com o pensamento de Parry (2012), Epstein (2002) também defende a importância do editor na distribuição dos livros, afirmando que o mesmo é essencial para a melhora do texto e para facilitar a relação entre o autor e leitor.

Fazendo um comparativo com o jornal, o *OhMyNews*, um dos jornais mais vendidos na Coreia, não possui jornalistas fixos, e conta com uma edição impressa diária e uma versão online. Qualquer cidadão pode enviar sua matéria, mas, mesmo assim, Ronaldo Lemos (2012) ressalta a importância do papel do corpo editorial na seleção da vasta quantidade de material enviado, escolhendo apenas o que será publicado.

Com todas as possibilidades de publicação e disseminação geradas pelo ciberespaço, nesse cenário, houve um enfraquecimento do poder do editor, que passou a não decidir, de maneira geral, as obras que chegariam às mãos do leitor. Isso fez com que houvesse uma diminuição perceptível na qualidade editorial dos *eBooks*, além de reduzir a segurança de seus conteúdos.

Por mais que possamos visualizar uma enorme tendência na criação de modelos de negócios de autopublicação digital, favorecendo à autonomia do autor e estreitando os laços entre autores e leitores, o setor editorial ainda depende da atividade do editor, mesmo que este tenha tido seu papel desconstruído ao longo dos últimos anos.

2.3 AS IMPLICAÇÕES DA RECONFIGURAÇÃO DE USOS E PRÁTICAS EDITORIAIS

Uma das primeiras iniciativas de sucesso no campo dos livros digitais foi o lançamento de *Riding the Bullet*, do autor de *best-sellers* Stephen King, no início de 2000. O romance do escritor norte-americano foi lançado exclusivamente em formato digital, no valor de US\$2,50, recebendo mais de 400 mil downloads em menos de 24 horas (GARCÍA; DÍAZ; ARÉVALO, 2011). Apesar do enorme sucesso, a iniciativa de King tornou-se um caso isolado na época, já que o mercado de livros digitais ainda era incipiente. A falta de outras iniciativas de sucesso naquele período pode ser explicada pela falta de associação entre a tecnologia e forças socioculturais e econômicas de

mudança, pois, segundo Cope e Kalantzis (2001), o desenvolvimento tecnológico, por si só, representa muito pouco.

Em 2004 o Google lançou o projeto Google Book Search (GBS), responsável por causar bastante impacto na leitura digital. A proposta do projeto foi digitalizar milhões de livros impressos a partir da tecnologia OCR e indexar ao seu sistema de busca, possibilitando aos usuários a pesquisa neste enorme acervo (BRITTES; PEREIRA, 2007). Segundo as autoras, a reação da indústria editorial foi estrondosa, pois “[...] além de questionar a legalidade e a legitimidade do projeto, denuncia que obras protegidas por lei estão sendo escaneadas sem a prévia autorização dos autores ou dos detentores do copyright” (BRITTES; PEREIRA, 2007, p.171). Devido às inúmeras ações movidas pelas editoras, o projeto não avançou conforme planejado, mas, mesmo assim, pode ser considerado uma excelente iniciativa para a propagação dos livros digitais.

O cenário começou a mudar em 2007, com o lançamento do leitor de conteúdos digitais Kindle, da Amazon. A primeira versão do *eReader* foi vendida apenas nos Estados Unidos e dispunha de uma tela monocromática de 6 polegadas com uma memória interna de 256mb. Juntamente com o dispositivo, também foi lançada a Kindle Store, loja *online* com mais de 90 mil títulos a venda. Com o Kindle, a Amazon concebeu um modelo de negócios de sucesso, gerando a convergência necessária para a disseminação do livro digital, uma combinação perfeita entre *hardware*, *software* e conteúdo.

O avanço tecnológico e a popularização dos dispositivos portáteis deu origem a novos mercados, notadamente o de livros digitais, que em grande parte dos países, incluindo o Brasil, ainda está dando seus primeiros passos. Entretanto, nos Estados Unidos, de acordo com um infográfico desenvolvido pelo site Now Novel, os livros eletrônicos já correspondiam a 30 por cento do faturamento do mercado editorial em 2012³².

³² Disponível em: <http://www.nownovel.com/blog/is-there-money-in-ebooks>. Acesso em: 20/08/2013.

Tabela 1 – Mercado global de livros digitais em 2013

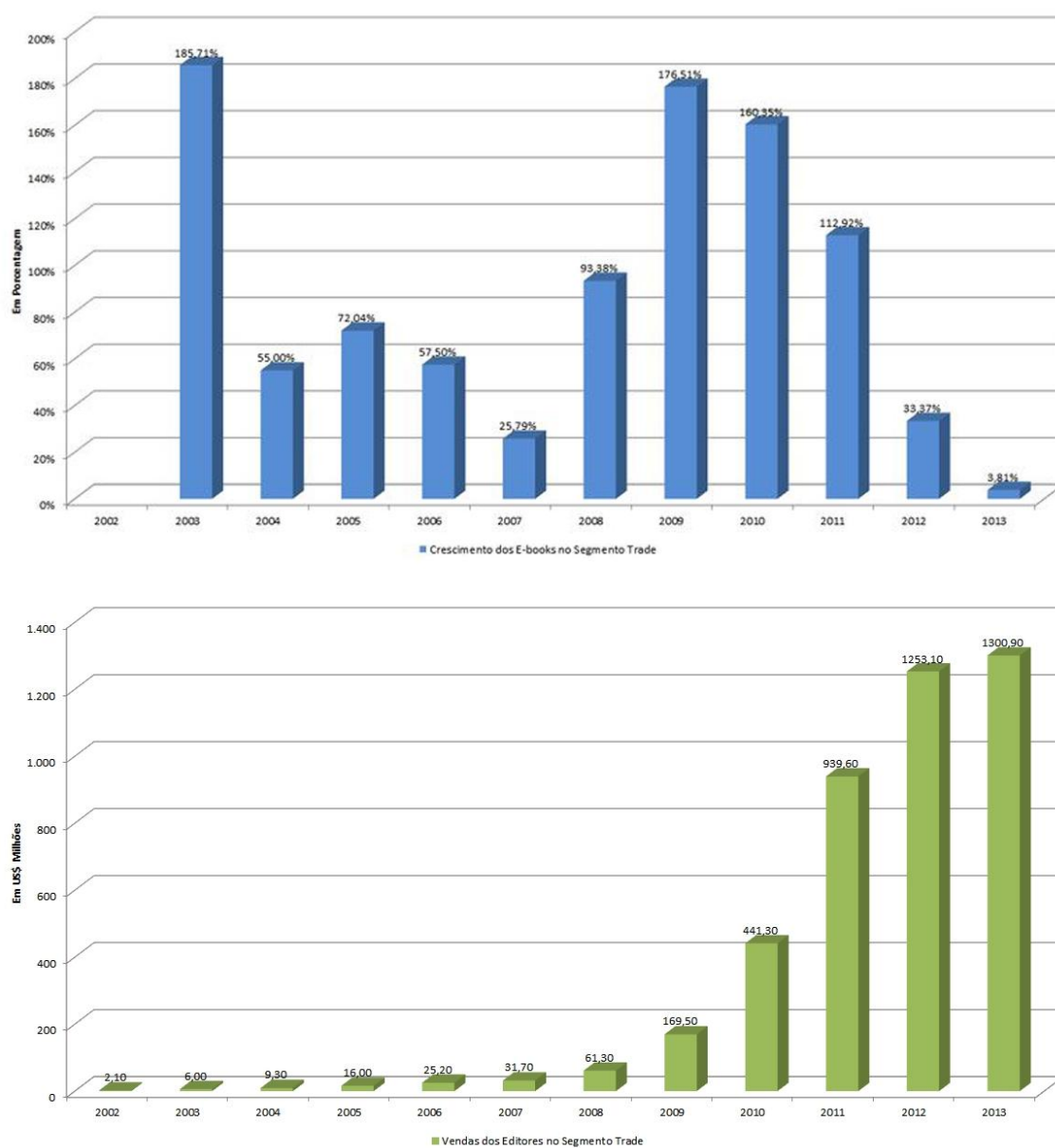
País	Presença dos <i>eBooks</i> no mercado
Estados Unidos	21%
Reino Unido	25%
Alemanha	10,6%
Holanda	10%
Espanha	8%
Itália	4-5%
França	3%

Fonte: Adaptada de Wischenbart (2014, p.21).

O mercado norte-americano de livros digitais é um dos mais consolidados do mundo. Pioneiro nos livros eletrônicos, possui cerca de 21% de presença no mercado editorial e já chegou a um estado de estabilização, com crescimento de apenas 3,8% no segmento de interesse geral (trade) em 2013 (WISCHENBART, 2014). Dados da Association of American Publishers (AAP) mostram que neste mesmo segmento, o faturamento nas vendas de livros digitais foi de 1,3 bilhões de dólares, correspondendo a mais de 26% de participação no mercado editorial³³.

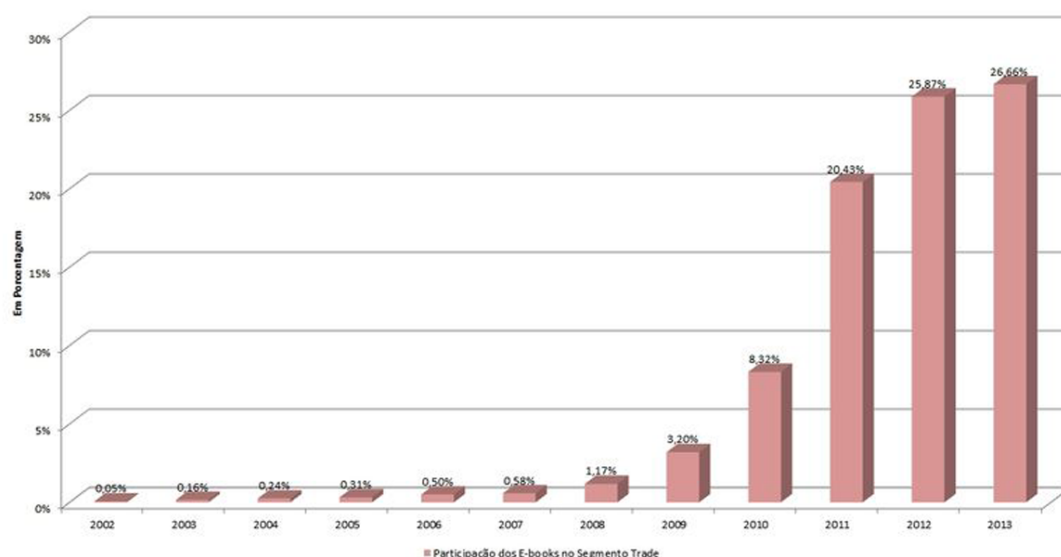
³³ Disponível em: <http://www.tiposdigitais.com/2014/04/e-books-crescem-apanas-381-por-cento-em-2013-nos-eua.html>. Acesso em: 18/05/2015.

Figura 22 –Faturamento nas vendas de *eBooks* no mercado trade dos EUA



Fonte: <http://www.tiposdigitais.com/2014/04/e-books-crescem- apenas-381-por-cento-em-2013-nos-eua.html>. Acesso em: 18/05/2015.

Figura 23 – Participação do faturamento nas vendas de *eBooks* no mercado trade dos EUA



Fonte: <http://www.tiposdigitais.com/2014/04/e-books-crescem-apanas-381-por-cento-em-2013-nos-eua.html>. Acesso em: 18/05/2015.

No Brasil, pode-se afirmar que o mercado de livros digitais teve início apenas em 2012, pois foi somente nesse ano que a Amazon, Google e Kobo (a partir da Livraria Cultura) iniciaram suas operações no país. Antes disso, o mercado era incipiente, com poucas iniciativas locais.

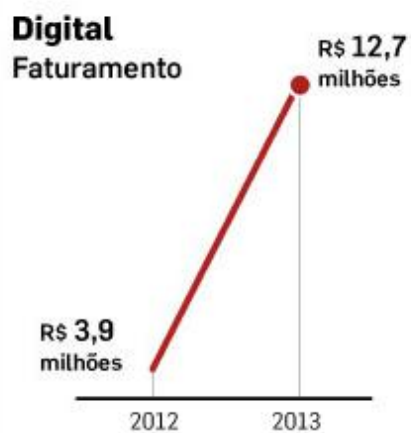
Segundo a Pesquisa Fipe de Produção e Vendas do Setor Editorial, o faturamento com a venda de livros eletrônicos em território nacional cresceu 225% em um ano, com dados de 2013³⁴. Enquanto em países como Estados Unidos e Reino Unido o crescimento dos *eBooks* foi praticamente nulo em 2013, no mercado editorial brasileiro, os livros digitais chegaram a 3 por cento das vendas de livros³⁵.

³⁴ Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/babel/faturamento-com-venda-de-e-book-cresce-225-no-brasil-mas-mercado-editorial-continua-em-crise>. Acesso em: 23/07/2013.

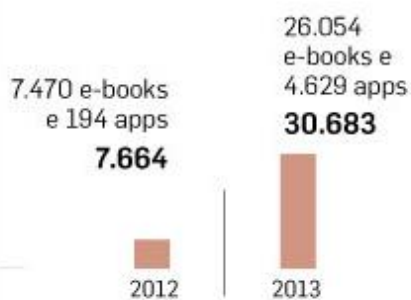
³⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1392978-e-books-chegam-a-3-das-vendas-de-livros.shtml>. Acesso em: 20/07/2014.

Figura 24 – Participação do livro digital no mercado editorial brasileiro em 2013

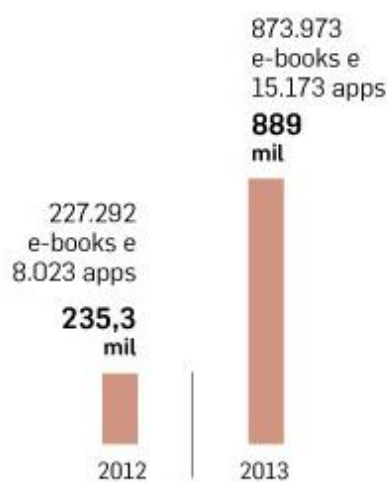
DESEMPENHO EM 2013



Títulos produzidos



Exemplares vendidos



FONTE: FIPE

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/babel/faturamento-com-venda-de-e-book-cresce-225-no-brasil-mas-mercado-editorial-continua-em-crise>. Acesso em: 23/07/2014.

Com o surgimento de um mercado promissor, os agentes do até então consolidado mercado editorial estão buscando adequar suas práticas a esse novo modelo engendrado pelos *eBooks*. Estamos em fase de ajustes, na qual a adaptação aos aparatos portáteis torna-se um requisito obrigatório para que editoras e livrarias sobrevivam no competitivo cenário digital. Parece-nos que a adoção do *ePub* como formato padrão de livros eletrônicos demonstra a atual conjuntura dessa transformação.

Mas, alguns problemas no decorrer desse processo estão exigindo as adequações necessárias. Uma delas é o sistema de vendas da Amazon a um valor mínimo de U\$ 0,99, que está gerando um enorme desconforto aos autores. O sistema em questão é o Kindle Direct Publishing (KDP)³⁶, ferramenta que permite a publicação de obras de forma independente. Com o serviço, é possível publicar um livro e distribuí-lo para o mundo inteiro em até 48 horas após a data de submissão do arquivo, além de fazer alterações no conteúdo a qualquer momento e controlar a quantidade de *eBooks* vendidos. A inclusão da obra no sistema é gratuita, porém, a Amazon cobra uma taxa de 35 a 70 por cento do lucro das vendas, a depender do plano escolhido. No Brasil, para receber os 70 por cento do lucro das vendas, o autor deve fornecer o direito de exclusividade à empresa norte-americana.

Na Inglaterra, os autores estão se organizando para desenvolver ações que não sejam tão prejudiciais a eles. Entre elas, para enfrentar essa situação criada pela Amazon, os autores estão preferindo diversificação de canais por acreditarem que é melhor vender em outros lugares do que depender exclusivamente da Amazon³⁷.

Após o sucesso do Kindle Direct Publishing, a Amazon lançou um sistema de assinatura de livros digitais, o Kindle Unlimited, também conhecido como o *Netflix dos livros*, analogia ao famoso serviço de assinaturas de filmes e séries. A plataforma do Unlimited permite acesso ilimitado às obras cadastradas a partir do KDP por um valor mensal, que aqui no Brasil é de R\$19,90. O leitor tem acesso aos *eBooks* por meio de empréstimo e não há um prazo para a devolução, entretanto, há um limite de dez obras emprestadas simultaneamente.

Para o autor ou editora, o controle da receita por disponibilizar seus livros no Unlimited é incerto e confuso, já que o valor a receber será proporcional ao volume de leitura da obra comparada com todos os outros livros digitais disponíveis no sistema

³⁶ Disponível em: https://kdp.amazon.com/signin?language=pt_BR. Acesso em: 01/04/2015.

³⁷ Disponível em: <http://revolucaoebook.com.br/pequenos-escreitores-britanicos-protestam-contratermos-amazon>. Acesso em: 16/09/2013.

(apenas quando houver a leitura de pelo menos 10% do *eBook*), advindo de um fundo global do KDP Select. A adoção do serviço é rentável apenas para os autores que possuem um grande volume de vendas, a não ser que o público leitor seja um cliente fiel da Amazon e não faça compras em outras redes.

Até o presente momento, o sistema de assinatura de *eBooks* não conseguiu se consolidar como os sistemas de *streaming* de áudio e vídeo, há uma enorme resistência por parte das grandes editoras em adotar esse tipo de serviço. Devido ao constante atrito entre a Amazon e grande parte das editoras, o Unlimited não possui nenhum título das maiores editoras do mercado norte-americano. Entretanto, existem outras plataformas que oferecem o mesmo serviço, a exemplo do Scribd e da Oyster. Nesses sistemas, das cinco maiores editoras presentes no mercado editorial dos Estados Unidos, três possuem obras cadastradas (HarperCollins, Macmillan e Simon & Schuster)³⁸. A Penguin Random House e a Hachette não se inseriram no mercado.

De toda forma, mesmo com a adesão de algumas das maiores editoras aos serviços de assinatura de livros digitais, poucas apresentam lançamentos. Na maioria dos casos, as obras encontradas são antigas, pois, de início são lançadas de forma impressa, para depois serem vendidas no formato digital, e, por último, serem adicionadas aos serviços de assinatura.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de muitos dos livros lançados pelo sistema de auto publicação Kindle Direct Publishing possuírem conteúdos copiados de forma ilegal. Os *spammers*, como são conhecidos os falsos autores, agem de duas maneiras: geram um novo livro a partir de conteúdo disponível livremente na internet, ou copiam trechos de outros livros eletrônicos a venda na própria Amazon. De acordo com o Los Angeles Times, geralmente esses *eBooks* são encontrados em valores promocionais (algo em torno de US\$ 0,99) e correspondem a cerca de 10 por cento do faturamento da multinacional norte-americana³⁹.

As consequências dessa modalidade de publicação já podem ser vistas no desenvolvimento de sistemas cada vez mais complexos para a análise de conteúdo, de forma a garantir a manutenção de sua integridade. Em junho de 2013 ocorreu um fato inusitado com um autor brasileiro que pretendia publicar sua obra utilizando o KDP.

³⁸ Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/billrosenblatt/2015/04/24/subscription-services-for-e-books-like-netflix-like-spotify-or-not-at-all/>. Acesso em: 12/02/2015.

³⁹ Disponível em: <http://articles.latimes.com/2011/jun/16/business/la-fi-kindle-spam-20110616>. Acesso em: 15/09/2013.

Paulo Roberto Purim, conhecido pelo pseudônimo Paulo Brabo, reuniu alguns dos textos de sua autoria presentes em seu site para publicação na Amazon, entretanto, seu conteúdo foi rejeitado por estar disponível gratuitamente na internet. Após o autor ter retirado o conteúdo do site e com a repercussão da notícia⁴⁰, a Amazon voltou atrás e autorizou a venda do livro.

A questão da pirataria e dos direitos autorais é vista como um problema em todo o mundo, e a dificuldade de se controlar a disseminação ilegal do conteúdo não é recente. Melot (2012) afirma que o códice, a partir de sua forma ordenada e encadernada, representou um enorme avanço contra interpolações e falsificações. Entretanto, a reprodução não autorizada de obras impressas foi disseminada largamente pelas fotocopiadoras. Com o livro em formato digital,

[...] os riscos de reprodução e circulação não autorizadas do conteúdo do livro se elevam a um nível inteiramente novo. Se o conteúdo estiver em formato digital e não for protegido, é rápido, fácil e barato produzir múltiplas cópias e compartilhá-las com outros – um PDF pode facilmente ser enviado a vários destinos ou disponibilizado on-line para que outros o vejam ou baixem (THOMPSON, 2013, p.391-392).

Thompson (2013), acrescenta que as editoras sabiam dos riscos envolvendo os conteúdos digitais, e que estão lidando com esse problema de três maneiras: monitoramento constante da rede em busca de cópias ilegais; atitude proativa, fornecendo conteúdos em formatos adequados ao mercado; e medidas de segurança, a partir da utilização do DRM.

O DRM (*Digital Rights Management*) existe exatamente para controlar a difusão de conteúdos digitais, como é o caso do *eBook*. Segundo Procópio (2010, p.31), o DRM nasceu com a internet e “trata-se de um método avançado de gerenciamento de direitos autorais que trabalha a conscientização do leitor, em conjunto com tecnologias de criptografias para arquivos”.

As especificações do DRM variam de acordo com o fabricante: alguns permitem a cópia parcial do conteúdo, outros, a possibilidade de leitura em mais de um aparelho ou até mesmo a impressão da obra. Atualmente também existem vários softwares que desativam essa proteção no livro digital, fazendo com que o leitor consiga compartilhar o conteúdo de forma livre. No Brasil, a maior parte das empresas utiliza o DRM, mas em

⁴⁰ Disponível em: http://www.baciadasalmas.com/2013/punido-pela-distincao-como-ser-popular-demais-me-impediu-de-ser-publicado-pela-amazon/#identifier_0_2902. Acesso em: 15/09/2014.

alguns países da Europa, vemos empresas apostando na comercialização de *eBooks* livres da proteção e anunciando que a quantidade de livros pirateados é insignificante⁴¹.

Observamos, ainda, a dificuldade de definição de um formato que atenda às necessidades atuais do público leitor. Com a adoção de formatos fluidos, a orientação ao leitor é modificada: do número de páginas para a porcentagem de leitura, já que a localização de um determinado trecho torna-se inexata, passa a depender diretamente de algumas variáveis, como o tamanho da tela do dispositivo, a tipografia escolhida ou o tamanho da fonte utilizada. Dessa forma, a partir de uma situação acadêmica corriqueira (referenciar um trecho de uma obra digital), Lemos (2012) ressalta o momento de indefinição movido pela substituição da materialidade do papel pela materialidade eletrônica do dispositivo. De forma semelhante, Chartier (1994) afirma que essa substituição gerada pela representação eletrônica, ocasiona a imaterialidade do texto, fazendo com que este não possua mais um lugar específico.

Apesar da manutenção e evolução do PDF, a tendência é que assim como o Adobe Flash deu lugar ao HTML5 na *Web*, o Adobe PDF seja substituído pelo HTML5 no mercado de livros digitais. Procópio (2013, p.228) defende a existência de um formato convergente, com base na *Open Web*:

Qual é a probabilidade de os formatos de processadores de textos binários de propriedade atuais permanecerem legíveis por dez ou até cem anos? Novos sistemas operacionais e programas aparecem e somem, mas a Open Web é permanente. Desse modo, usar formatos padronizados abertos para disponibilizar livros digitais garante que o leitor não precise, por exemplo, adquirir duas ou mais vezes o mesmo livro quando migrar para hardwares de plataformas diferentes

Com o HTML5, seria possível a inserção de texto, imagem, áudio e vídeo; a existência de links (internos e externos); criação de palavras-chave e metadados, busca completa pelo livro; *text reflow*; rápida conversão para outros formatos vigentes; e ainda, a impressão da obra. A partir daí, teríamos a adoção de um formato aberto, que permite a visualização do *eBook* com inúmeros recursos multimídia independentemente do aparato utilizado.

⁴¹ Disponível em: <http://revolucaoebook.com.br/vender-ebooks-sem-drm-funciona-mas-dentro-contexto>. Acesso em: 15/04/2015.

2.3.1 O livro didático e a questão sustentável

Para se entender a necessidade de reconfiguração do livro didático, devemos observar o conceito dessa categoria de livros, estabelecido por MELLO (1999, p.1): “É o livro de uso individual do aluno, em geral ‘indicado’ ou ‘adotado’ pelo professor. Dessa forma, especialmente no Brasil, o mais comum é que todos os alunos de uma mesma turma ou classe usem um mesmo livro”.

O Brasil é um dos oito países que mais consomem livros no mundo. De acordo com a FNDE (Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação), o orçamento do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) para o ano de 2014 foi de R\$1,1 bilhão, destinado à compra de livros didáticos para os ensinos fundamental e médio, cerca de 6% desse total será utilizado para a compra de ferramentas digitais como material complementar ao livro impresso⁴². O PNLD de 2015 prevê a implantação de livros digitais interativos, com recursos de vídeo, áudio, animações, mapas interativos e outros⁴³. Entretanto, no início de 2014 o MEC divulgou novas diretrizes para o PNLD de 2016, prevendo a produção de *eBooks* apenas em formato PDF⁴⁴.

Devido à grande quantidade de livros didáticos necessários para o ensino, a demanda por recursos naturais para a fabricação dos mesmos é de grandes proporções. Com o uso das novas tecnologias e o aspecto sustentável, é possível visualizar uma tendência em que, num futuro próximo, os livros didáticos em versão digital serão comercializados em larga escala. Algumas instituições de nível médio e superior no Brasil e em grande parte dos Estados Unidos e Europa já utilizam algum *tablet* como material escolar⁴⁵ e cerca de 40% dos alunos das escolas particulares brasileiras já fazem uso de livros digitais didáticos⁴⁶. Seguindo esta tendência, Kelly (2012, p.189) afirma que:

Para cada método tecnológico em uso que causa a perda de habitats, podemos imaginar uma solução alternativa sem esse efeito. Na verdade, para cada tecnologia X que podemos inventar, há (ou poderia haver)

⁴² Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/telas/clipping/detalhes.aspx?id=75866>. Acesso em: 17/07/2014.

⁴³ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/mec-quer-dar-acesso-ao-livro-digital-ate-2015>. Acesso em: 22/07/2014.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=75719>. Acesso em: 22/07/2014.

⁴⁵ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/tablets-substituem-livros-em-escolas-brasileiras/n1597608252795.html>. Acesso em: 02/05/2014.

⁴⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/02/mercado-de-e-books-cresce-no-brasil.html>. Acesso em: 04/05/2015.

uma tecnologia Y correspondente com o potencial de ser mais ambientalmente correta.

Além do fator de sustentabilidade, o livro didático digital propicia ao aluno uma nova experiência, facilitando o processo de aprendizagem pela interação com diversos elementos audiovisuais. A partir da disseminação do livro digital no meio educacional e da adoção de um novo suporte, surgem novos hábitos de leitura, mesmo que o desenvolvimento desse processo ocorra lentamente. Em relação à experiência multi sensorial, Damé e Gonçalves (2013, p.6) afirmam que:

[...] o leitor interage – de forma integrada -, com diversas linguagens (falada, escrita, imagética etc.), o que torna mais rico o registro sensorial. Cada uma dessas linguagens desencadeia uma forma de processamento da informação que possui características diferentes [...].

Do ponto de vista técnico, Manzini (1993) afirma que as inovações passam por duas fases para se estabelecerem de forma plena. Na primeira, o novo objeto procura imitar o material anterior, realizando pequenas alterações nas estruturas produtivas e nos padrões organizacionais existentes; na segunda fase ocorre a redefinição completa do sistema, possibilitando todo o poder de inovação da nova tecnologia.

Sabemos que viabilizar, de imediato, uma mudança de livros didáticos impressos para livros didáticos digitais esbarra em uma questão mercadológica muito grave. O mercado editorial brasileiro, notadamente o de livros didáticos movimenta quantias de dinheiro significativas. Trata-se de um modelo de negócio consolidado, que gera milhões de empregos e bilhões em lucro. Mas, ao mesmo tempo, faz com que somente famílias de classe média e alta possam comprar todos os livros necessários à educação de seus filhos, comprometendo, com sacrifício, parcela dos recursos financeiros, que poderiam ser destinados a outros benefícios imprescindíveis.

O mercado editorial brasileiro produz cerca de 200 milhões de livros didáticos, sendo que, desse total, 150 milhões são comprados pelo Governo Federal para distribuir às Escolas Públicas, para o ensino fundamental e o ensino médio, em todo o país⁴⁷. Essa distribuição é feita através do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dos anos de 1990, conforme Cassiano (2007).

⁴⁷ Disponível em: http://www.brasilquele.com.br/noticia_show.php?noticia=6575. Acesso em: 24/06/2014.

Mesmo que a indústria do livro tenha parte da sua produção de celulose apoiada pela atividade extrativista de plantio próprio de árvores como eucalipto, há um significativo impacto ambiental provocado pela fabricação das obras. O aspecto sustentável já vem sendo bastante discutido em eventos cuja temática principal é o meio ambiente. São muitos os impactos causados pela produção do papel, havendo assim, a necessidade de preservação de sua matéria-prima. O livro digital pode vir a atender às necessidades sustentáveis da sociedade atual, fazendo com que haja uma diminuição considerável na utilização de recursos naturais, redução do espaço físico e nos gastos com transporte.

Questões comparativas entre o livro de papel e o digital são muito comuns nos dias de hoje, e vários critérios podem ser analisados para tentar definir qual dos dois é melhor, se conforto e experiência de leitura, mobilidade, ou ainda o preço do livro. De toda forma, Kelly (2012) nos alerta para o fato de que quando há a adoção de uma nova tecnologia, algumas opções são eliminadas, entretanto, muitas outras surgem, dando origem a uma infinidade de escolhas e possibilidades.

Outro aspecto que está bastante em evidência é a questão sustentável, por isso decidimos analisar melhor esse processo comparativo entre o passado e o presente dos livros, levando em consideração a sustentabilidade.

Em 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (World Commission on Environment And Development - WCED), no relatório denominado de “Nosso Futuro Comum” ou “Relatório Brundtland”, definiu o conceito de desenvolvimento sustentável como: “Aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (WCED, 1987).

Aplicando este conceito em desmatamento de florestas, em 1997, um relatório do World Resources Institute (WRI)⁴⁸ estimou que quase metade da cobertura original de florestas do planeta já foi destruída. Por meio de uma análise direcionada ao impacto causado pela produção de papel, Dougherty (2011, p.110) afirma que:

Além de promover a destruição de florestas, a produção de papel consome uma quantidade imensa de energia e, por isso, tem um impacto muito grande de gases-estufa. Considerados em conjunto, os fatos mostram que a indústria do papel é a quarta maior produtora industrial

⁴⁸ World Resources Institute. **Last Frontier Forests: Ecosystems and Economies on the Edge.** Disponível em: <http://pdf.wri.org/lastfrontierforests.pdf>. Acesso em: 01/05/2014.

de dióxido de carbono, sendo responsável por 9% das nossas emissões de gases-estufa. Isso está longe de ser sustentável [...].

Dougherty (2011) também ressalta os sérios impactos ambientais causados pela quantidade excessiva de água utilizada na indústria do papel, além da queima constante de combustível fóssil para transformar a fibra da madeira em papel seco. Já de acordo com o relatório “Paper Cuts”⁴⁹, o Worldwatch Institute informou que “O consumo mundial de papel e papelão tem crescido tão rapidamente que superou os ganhos obtidos com a reciclagem”.

O custo ambiental para a produção de um dispositivo de leitura é bem maior do que o custo para a fabricação de um livro impresso. Entretanto, é importante ressaltar que, num único dispositivo eletrônico, é possível armazenar centenas de livros digitais, tornando o *eBook* uma alternativa sustentável. Outro fator que deve ser levado em consideração é o transporte do livro. No produto impresso, são necessárias inúmeras viagens para o livro sair da fábrica e chegar ao seu destino final, o leitor. Com o meio digital, o livro passa a ser vendido e enviado diretamente pela internet, diminuindo a emissão de gases poluentes do transporte, o tempo de espera para a chegada do livro e o custo final para o leitor.

2.3.2 Usos e práticas do livro na atualidade

Aqui, passamos a mostrar os novos usos e necessidades do livro digital, situações estas que, em determinados casos promovem um distanciamento entre o impresso e o eletrônico, em outros, acabam por aproximar bastante as duas versões. Segundo Flatschart (2014, p.82), “o mercado editorial vive o seu período de transição e adaptação para novas práticas, assim como já viveram a fotografia e a música. Neste período, velhas e novas práticas convivem”.

O historiador Lucien Febvre vislumbra a possibilidade do desaparecimento do livro impresso, quando afirma que “na metade do século XX, não temos certeza de que [o livro] possa ainda por muito tempo continuar a desempenhar seu papel, ameaçado como está por tantas invenções baseadas em princípios totalmente diferentes” (MARTIN; FEBVRE, 1992, p.14). Machado (1994) acredita que o aumento do custo de produção do livro impresso pode diminuir a sua circulação no mercado, já que, a partir do

⁴⁹ Worldwatch Institute. **Paper Cuts: Recovering the Paper Landscape.** Disponível em: <http://www.worldwatch.org/system/files/EWP149.pdf>. Acesso em: 02/05/2014.

Renascimento, a vasta difusão a preços baixos foi um dos principais fatores que levaram o impresso ao sucesso.

De outra maneira, Umberto Eco pensa que o livro, como fonte do saber, não morrerá, já que o mesmo “[...] venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é” (CARRIÈRE; ECO, 2010, p.17). Melot (2012) também acredita na sobrevivência do livro impresso, principalmente por não considerá-lo um aparato para o uso da razão, mas sim da paixão, podendo assim, perdurar por suas qualidades funcionais.

Moraes (2012), por sua vez, indica a existência de dois entendimentos ontológicos referentes aos livros eletrônicos, são eles: o paradigma evolutivo, em que naturalmente o livro digital irá substituir o impresso; e o paradigma histórico-cultural, onde o livro digital origina novas possibilidades, exclusivas do meio eletrônico.

Não se trata de substituir o impresso pelo digital, acreditamos, a partir do paradigma histórico-cultural, na convivência entre os dois modelos, já que eles suprem necessidades diferentes e o livro eletrônico apresenta novos usos que, combinados, geram uma nova experiência ao leitor. Conforme postula Darton (2010), podemos pensar o livro digital como suplemento ao impresso:

O mundo do saber vem mudando tão rapidamente que ninguém consegue prever como estará daqui a dez anos. Acredito, porém, que continuará dentro dos limites da galáxia de Gutenberg – ainda que essa galáxia vá se expandir graças a uma nova fonte de energia, o livro eletrônico, que servirá como suplemento, e não substituto, da grande máquina de Gutenberg (DARNTON, 2010, p.95).

Com o livro digital, é possível reunir e consultar centenas de obras em um único dispositivo. Geralmente mais leve e mais fino que um livro impresso, o livro eletrônico necessita de menos espaço físico para armazenar e transportar o acervo. Para Darton (2010), essa característica do *eBook* é essencial para as bibliotecas de pesquisa, já que não será mais preciso estocar grandes quantidades de obras impressas, além de facilitar o processo de busca para o usuário.

As bibliotecas também deverão passar pelo processo de reconfiguração, os livros digitais já podem ser encontrados na grande maioria das universidades norte-

americanas⁵⁰. Também podemos identificar alguns casos de bibliotecas que funcionam exclusivamente com livros digitais, oferecendo ao usuário computadores e dispositivos portáteis para a consulta ao *eBook* ou realizando o empréstimo do livro digital a partir do aparato do usuário⁵¹. Nesse caso, o papel do bibliotecário também é reconfigurado, passando a orientar os leitores quanto ao gerenciamento do material digital.

De acordo com Darnton (2010), as bibliotecas de pesquisa não terão mais necessidade de armazenar uma grande quantidade de materiais impressos, já que, atualmente, os livros já “nascem digitais” e os leitores são nativos digitais. O autor ainda sugere que a impressão sob demanda e dispositivos como os *eReaders*, passando por melhoramentos, serão suficientes para atender às necessidades dos leitores.

O recurso de busca do livro digital facilita a organização de leituras rápidas, com foco em exames, concursos ou palestras. Quando não há muito tempo para a leitura, pode-se realizar buscas por assuntos ou até mesmo por palavras-chave que remetam ao conteúdo procurado.

Para quem lida com obras novas e antigas, os livros digitais impedem que a degradação das folhas ou o odor de mofo nas páginas seja um empecilho para a leitura. Muitos leitores e pesquisadores não podem estar em ambientes que reúnem obras empoeiradas, assim, os *eBooks* proporcionam uma leitura ou estudo em melhores condições, com possibilidade de armazenamento, sem perdas e restrições.

Do mesmo modo como ocorre na versão impressa, o livro eletrônico também possibilita a inserção de fichamentos, anotações e marcações. Como a versão é digital, o usuário também pode editar, deletar e até exportar as anotações e compartilhá-las com outras pessoas. Segundo Ghaziri (2009, p.69), “os comportamentos diante da tela, apesar de parecerem novos, carregam traços do suporte anterior, o impresso”.

Passamos a vivenciar uma democratização da informação, já que a difusão do conhecimento se dá de forma gratuita e inclusiva. É possível produzir uma obra e difundí-la sem custos, compartilhar livros de outros autores que porventura não estejam no circuito das editoras, inclusive com comentários e opiniões a respeito do livro ou trechos específicos do mesmo.

⁵⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/12/livros-digitais-estao-em-95-das-bibliotecas-dos-eua-diz-estudo.html>. Acesso em: 15/04/2015.

⁵¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/08/nova-universidade-nos-eua-inaugura-biblioteca-sem-livros-em-papel.html>. Acesso em: 15/04/2015.

Obras antigas, que jamais poderiam ser examinadas por grande parte da sociedade, agora podem ser exibidas, em trechos ou capítulos. Observamos, assim, um favorecimento ao uso coletivo, pois professores e palestrantes podem projetar o conteúdo de um livro sem que o mesmo esteja no local da apresentação.

O *eBook* pode ser visualizado em diferentes dispositivos portáteis, como o *notebook*, *smartphone* e *tablet*. Cada aparato tecnológico possui algumas especificidades, como o tamanho e o tipo de tela, além da capacidade de processamento e armazenamento.

Encontramos, também, diferentes formas de intervenção na obra, a partir da utilização de variados aplicativos para diferentes fins. Editores de texto, como o Microsoft Word, fazem com que o usuário possa reescrever trechos da mesma obra.

Observamos diversos formatos de conteúdo (textual, imagético, sonoro), além da visualização de vários gêneros (livros, quadrinhos, filmes, revistas). Lévy (1999, p.96), destaca alguns destes formatos a partir da utilização do livro digital: “posso não apenas ler um livro, navegar em um hipertexto, olhar uma série de imagens, ver um vídeo, interagir com uma simulação, ouvir uma música gravada em memória distante, mas também, alimentar essa memória com textos, imagens etc.”.

Na medida em que fazemos intervenções nas obras, anotando e criando códigos de cores, formas e traços, estamos criando novos padrões de linguagem que ajudam a repassar impressões, dicas e opiniões. Sempre estamos criando novas maneiras de intervenções, por meio da inclusão de cores ou traços, para realçar determinado trecho relevante, ou por meio de formas e *emoticons*, para demonstrar a importância de algum tema, sem precisar repetir sempre o mesmo texto.

Alguns dispositivos, como o Kindle, da Amazon, possuem dicionários embutidos, capazes de realizar uma pesquisa instantânea pelo conteúdo do livro. Já o iPad, da Apple, a partir do aplicativo iBooks, permite que o leitor consulte informações pertinentes com a integração de serviços de busca (Google e Wikipédia) por meio de uma conexão com internet.

Os custos de produção e comercialização são reduzidos drasticamente, uma vez que o próprio autor torna-se capaz de editar e diagramar o livro, a partir de *softwares* com interfaces cada vez mais amigáveis. Não é mais preciso financiar a impressão, qualquer autor pode comercializar seu livro digital no valor que achar conveniente ou compartilhá-lo por meio de grandes empresas, a exemplo da Amazon e da Apple, que cobram apenas uma porcentagem por livro vendido.

2.3.3 A autonomia do autor no contexto da cibercultura

Com a liberação do polo de emissão e difusão das informações na sociedade em rede, encontramos quase todo tipo de informação circulando na *web*, independentemente da influência exercida pelo difusor. Nesse sentido, qualquer pessoa pode escrever e publicar um livro, sem custo ou necessidade de intervenção de um editor ou programador. Afinal, os *softwares* de diagramação apresentam interfaces cada vez mais intuitivas, permitindo uma usabilidade na qual os usuários leigos tornam-se capazes de realizar, facilmente, todo o processo de editoração e publicação.

Essas facilidades foram instauradas pela cibercultura que, conforme Lemos (2005), está fundamentada em três “leis”, designadas pelos princípios de: liberação do polo de emissão da informação, conectividade generalizada e, reconfiguração dos formatos midiáticos e práticas sociais. O livro, como todas as demais mídias tradicionais, tornaram-se digitais e sua produção e disseminação passaram a ser orientadas pelas mesmas leis que regem a cibercultura.

O princípio da conectividade generalizada, discernida por Lemos (2005), teve início em meados da década de 1970, com o surgimento dos primeiros computadores pessoais. Entre os anos de 1980 e 1990, o PC foi transformado em uma plataforma coletiva com o surgimento e a popularização da internet. Hoje, o caráter portátil dos dispositivos eletrônicos promove uma série de alterações nas práticas sociais, permitindo ao usuário conexão à rede em qualquer lugar. Obedecendo à lei da conectividade, encontramos os livros digitais disponíveis na internet de forma gratuita ou paga, permitindo ao autor decidir de que forma irá difundir sua obra. A existência de links externos (associados a outros livros ou à páginas da *web*) também favorece a aplicação do princípio da conexão em rede.

Por outro lado, também podemos observar a aplicação do segundo princípio a partir da imaterialidade dos textos digitais:

Descolado de sua materialidade e de suas antigas localizações, o texto, em sua representação eletrônica, pode atingir todos os leitores. Supondo-se que todos os textos existentes, manuscritos ou impressos, sejam digitalizados ou, dito de outra forma, que sejam convertidos em textos eletrônicos, é a universal disponibilidade do patrimônio escrito que se torna possível. Todo leitor, onde quer que se encontre, com a única condição de que esteja frente a um ponto de leitura conectado à rede que assegura a distribuição dos documentos informatizados, poderá consultar, ler, estudar qualquer texto, quaisquer que sejam sua forma e sua localização originais (CHARTIER, 2003, p.44).

A reconfiguração dos formatos midiáticos, terceira e última lei que rege a cibercultura, expõe a necessidade de se repensar as práticas midiáticas, gerando profundas alterações nas estruturas sociais. Para Parry (2012, p.21), “cada nova tecnologia cria novos formatos de mídia, que ao mesmo tempo acrescentam e modificam seus antecessores”. Do ponto de vista mercadológico, talvez tenhamos um dos aspectos mais recorrentes quando tratamos do livro digital: o fim da hegemonia de mais de quinhentos anos do livro impresso.

De acordo com Procópio (2013), estamos vivenciando um momento histórico, no qual o mercado editorial tradicional vem perdendo seu domínio em todo o mundo, principalmente nos processos de publicação e exploração comercial dos livros. Ainda segundo o autor, com a democratização das mídias, as novas ferramentas digitais “possibilitaram a interferência direta de novos personagens no mercado, e a democratização proporcionou o acesso irrestrito aos modos de produção dos livros e a seu consumo, acesso e leitura” (PROCÓPIO, 2013, p.23).

Essa é apenas uma das facetas instauradas pelo advento da sociedade em rede, cuja ambiência cultural, caracterizada como cibercultura, constitui-se de princípios que passaram a reger os sistemas de produção e compartilhamento proporcionado pelo poderoso espaço de comunicação da internet, baseada na rede mundial de computadores. Mas, em que consiste a autonomia do autor nesse contexto? Para entender essa questão é necessário reconhecer a atual condição de criação e produção autoral, não apenas na cibercultura, mas no processo de instauração de uma autonomia comunicacional que ocorreu no texto, no suporte e na autoria.

Para Nicolau (2010), o modo de escrita dos sumérios, egípcios e fenícios estava preso a uma referencialidade própria do contexto. Tratavam de reis, faraós e deuses, ou ainda das posses e rituais que faziam parte da existência imediata desses povos. Foram os gregos, porém, que desenvolveram um sistema de escrita responsável pela criação de narrativas e expressão de suas ideias capazes de se perenizar no tempo e no espaço, além de ser lido por outras culturas e ser aplicável à existência humana de forma generalizada.

Em um segundo momento, a autonomia comunicacional caracterizou-se como autonomia do suporte, no caso, o livro impresso. Foi a prensa de tipos móveis que possibilitou aos textos, antes manuscritos pelos copistas em pergaminhos, serem reconfigurados a partir de matrizes que permitiam a reprodução de diversos exemplares. Com isso, diversos autores, apoiados em novas práticas de difusão da informação, espalharam suas obras pela Europa e por todo o mundo.

Nessa trajetória, porém, percebe-se a implantação de um sistema de mercado que regeu a indústria do livro durante séculos. Com o surgimento da prensa de tipos móveis, por volta de 1450, os primeiros impressores também desempenhavam as funções de editor e vendedor, a partir da abertura de livrarias com a finalidade de escoar a produção impressa. Conforme Parry (2012), o impressor era quem detinha o real valor do livro, acumulando lucros bem maiores que os do próprio autor. Apenas no século XVIII, com o emprego das leis de direitos autorais, os autores passaram a ter a escrita como profissão.

Nos séculos seguintes, o modelo de negócio do livro impresso foi aperfeiçoado e consolidado, culminando numa estrutura sólida composta por autores, editoras, distribuidores e livreiros. Durante muito tempo coube às editoras o ofício de selecionar apenas os títulos mais prováveis de serem comercializados, ou de autores vendáveis, já conhecidos pelo público leitor. A quantidade de obras que se perdiam em meio a vasta relação de livros rejeitados para publicação era enorme. Ao autor, restava apenas arcar com o alto custo da impressão, para talvez, conseguir visualizar alguns exemplares expostos em prateleiras ou locais pouco privilegiados nas livrarias.

Após o surgimento da Internet e a instauração da *Web*, no contexto mais amplo da cibercultura, outra lógica comunicacional tornou-se evidente, apoiada nas duas autonomias anteriores: a autonomia do autor. Pela primeira vez, mais de quinhentos anos após o surgimento do livro impresso, o mercado editorial passa por uma grande reformulação com o advento do livro digital.

Agora, não há mais o custo elevado da produção, armazenamento e transporte das obras. E o mais importante: qualquer autor pode se tornar vendável. A cibercultura, com base nas três leis apontadas anteriormente, possibilitou o surgimento de um autor muito mais dinâmico, com a oportunidade de escrever seu livro, diagramá-lo e difundi-lo sem depender do filtro das editoras e, de maneira geral, do oneroso processo de publicação do impresso.

2.3.4 A escrita colaborativa nas plataformas de redes sociais digitais

Antes de tentarmos compreender como ocorre o processo de interação entre autores e leitores por meio das redes sociais digitais, precisamos entender, de maneira geral, como se dá o processo de interação mediado pelo computador. Recuero (2009, p.36) explica que este tipo de interação é “[...] geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet.

Mas mais do que isso, a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais”.

Daí a importância desse processo interacional para que o autor possa estreitar sua relação com o seu público-leitor, já que, segundo Silva (2012, p.86) “[...] se hoje todos podem ser publicados, todos podem se publicar, todos podem ser intelectuais, raros são os que terão reconhecimento pelo que publicam”. Em consonância com o pensamento de Silva (2012), Thompson (2013, p.28) afirma que:

Publicar, no sentido de tornar o livro disponível para o público, é fácil – e nunca foi tão fácil como hoje, quando se poderia dizer que os textos postados na internet são, em certo sentido, ‘publicados’. Entretanto, publicar no sentido de tornar um livro conhecido do público, visível para ele e atraindo um quantum suficiente de sua atenção para encorajá-lo a comprar o livro, e talvez até mesmo lê-lo, é extremamente difícil – e nunca foi tão difícil como hoje, quando o enorme volume de conteúdo disponível a consumidores e leitores é suficiente para sufocar até o mais determinado e hábil esforço de marketing.

Ainda no contexto das interações mediadas pelo computador, Primo (2008) estabelece a existência de duas formas de interação: interação reativa e interação mútua. A interação reativa é limitada, “[...] depende das fórmulas previstas (que viabilizam a própria interação). Em vez de ser negociada, a relação insiste em perseguir os trilhos demarcados” (PRIMO, 2008, p.154). É o que ocorre quando acessamos um determinado *hiperlink* em um livro digital, somos direcionados para uma imagem, vídeo ou site na *web*, por exemplo. A ação é predeterminada, o usuário não pode escolher para onde seguir. Já a interação mútua, ainda segundo o autor, é aquela caracterizada pelas relações interdependentes, ocorrendo de forma cooperada, em que os atores envolvidos no processo afetam-se mutuamente. No momento, este é o tipo de interação que nos interessa, por ser construída pelos atores, permite a inventividade.

Essa interação possibilita ao autor receber um *feedback* quase que instantâneo dos seus leitores. A estrutura do texto, assim como determinados trechos da obra podem ser modificados e o livro torna-se uma publicação colaborativa, com os esforços de todos os interagentes.

Com sua autonomia comunicacional estabelecida, o autor passa agora a fazer uso de redes sociais digitais para a criação e disseminação de obras, transformando sua relação com os leitores. Nesse novo contexto, verificamos a existência de textos mais curtos do que aqueles que estávamos habituados a ler nos livros encadernados. Talvez, estejamos presenciando o surgimento de um novo gênero literário, ainda sem nome

definido, mas que pode ter origem nos microcontos criados ainda na década de 1950 pelo escritor Augusto Monterroso⁵².

A popularização dos microcontos ocorreu a partir dos anos 2000, no Japão, pela utilização em massa do celular. O romance “Deep Love”, do escritor Yoshi, é tido como o primeiro livro digital deste gênero para a leitura em celulares, distribuído em capítulos aos leitores a partir de um site especialmente desenvolvido para os dispositivos portáteis. A obra foi lida por milhões de pessoas e após o imenso sucesso, foi impressa em livro, virou mangá, série de TV e filme⁵³.

Em 2009, o lançamento do livro *Twitterature*⁵⁴, com vários clássicos da literatura reescritos de forma resumida em no máximo vinte frases de 140 caracteres, abriu as portas para um outro estilo de literatura e escrita, e passou a fazer sucesso nos Estados Unidos e Reino Unido. Apesar do título sugestivo e da forma de escrita utilizada pelos autores, estudantes da Universidade de Chicago, a obra não foi escrita com o auxílio do Twitter. Mas, para mostrar que a plataforma pode ser usada não apenas para compartilhar notícias, a empresa norte-americana lançou em 2012 o *TwitterFiction Festival*⁵⁵, evento que visa reunir virtualmente escritores de todo o mundo para contar histórias utilizando o *microblog* de textos curtos.

O aumento do uso de redes sociais digitais nos últimos anos motivou uma aproximação na relação entre autor/editora e leitor, passando este último, a influenciar diversos aspectos referentes ao mercado editorial, como a escolha da arte da capa, título da obra, formato do livro, entre outros. Para Procópio (2013, p.62):

Hoje, o leitor é capaz de tecer uma resenha sobre a obra, sem que tenhamos que discutir a sua qualidade de texto, e publicá-la em diversos canais da internet, como livrarias on-line, comunidades literárias, blogs, redes sociais e até mesmo nos canais que antes eram exclusivos dos resenhistas culturais.

O novo perfil de leitor é crítico, produtor de conteúdo e com a capacidade de influenciar um grande número de outros leitores, seja por grandes redes sociais digitais, ou por plataformas segmentadas, como o *Skoob*⁵⁶, uma rede social brasileira que se

⁵² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/05/1451933-literatura-pelas-redes-sociais-tem-adesao-de-autores-consagrados.shtml>. Acesso em: 29/06/2014.

⁵³ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/microcontos-se-espalham-celulares-internet-livros>. Acesso em: 23/06/2014.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.twitterature.us>. Acesso em: 25/06/2014.

⁵⁵ Disponível em: <http://twitterfictionfestival.com>. Acesso em: 25/06/2014.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.skoob.com.br>. Acesso em: 25/06/2014.

constitui em um espaço para que leitores possam formar uma biblioteca virtual de livros que leram, estão lendo, abandonaram a leitura ou ainda lerão, além de permitir a criação de resenhas e avaliação de obras.

É possível encontrar alguns sites que possuem ferramentas nas quais o usuário pode criar, editar e compartilhar seus livros eletrônicos de forma bastante simples, sem a necessidade de instalação de aplicativos. Um dos mais robustos é o Papyrus⁵⁷, que permite a exportação dos *eBooks* em formatos PDF e *ePub*, além do formato proprietário da Amazon para o Kindle.

Visualizamos, também, uma tendência de desenvolvimento de programas especificamente para autores, a exemplo do iBooks Author⁵⁸, da Apple. O *software* da empresa do Vale do Silício permite a inserção de áudio, vídeo, galerias de imagens, objetos em três dimensões, diagramas interativos, entre outros recursos. Ao término da inclusão de todo o conteúdo, o autor deve escolher entre disponibilizar seu livro de forma gratuita ou cobrar por cada *download* realizado. Entretanto, segundo Flatschart (2014), a produção e distribuição dos *eBooks* na plataforma torna-se engessada pelas exigências da Apple, a saber: compatibilidade apenas com os dispositivos da empresa, comercialização exclusiva pela loja da companhia e a produção e envio dos arquivos feitos exclusivamente por computadores que fazem uso do sistema Mac OS.

Figura 25 – Interface do iBooks Author



Fonte: <http://images.apple.com/br/ibooks-author/images/widgets.png>. Acesso em: 13/05/2013.

⁵⁷ Disponível em: <http://papyruseditor.com/pt>. Acesso em: 19/06/2014.

⁵⁸ O programa exporta *multi-touch books*, termo cunhado pela Apple para tratar de livros com recursos audiovisuais interativos. Disponível em: <http://www.apple.com/br/ibooks-author>. Acesso em: 20/06/2014.

Além do desenvolvimento de *softwares* e aplicativos com interfaces cada vez mais intuitivas, observamos, também, a popularização de plataformas de autopublicação digital, e a maior parte delas abrange todas as etapas de produção e comercialização do livro eletrônico. O Kindle Direct Publishing, da gigante Amazon, é uma das plataformas mais utilizadas no cenário mundial.

Fazendo uso dessa ferramenta, o escritor americano John Locke atingiu o número de um milhão de livros eletrônicos vendidos em apenas cinco meses, comercializando-os por apenas US\$0,99⁵⁹. Não há custo algum para o autor incluir sua obra no KDP, entretanto, a Amazon cobra uma taxa de trinta ou setenta por cento por livro vendido, de acordo com o plano de comercialização e países escolhidos para a venda. Outras plataformas, como o Kobo Writing Life e as nacionais Publique-se (Saraiva) e Bookess, funcionam de forma semelhante.

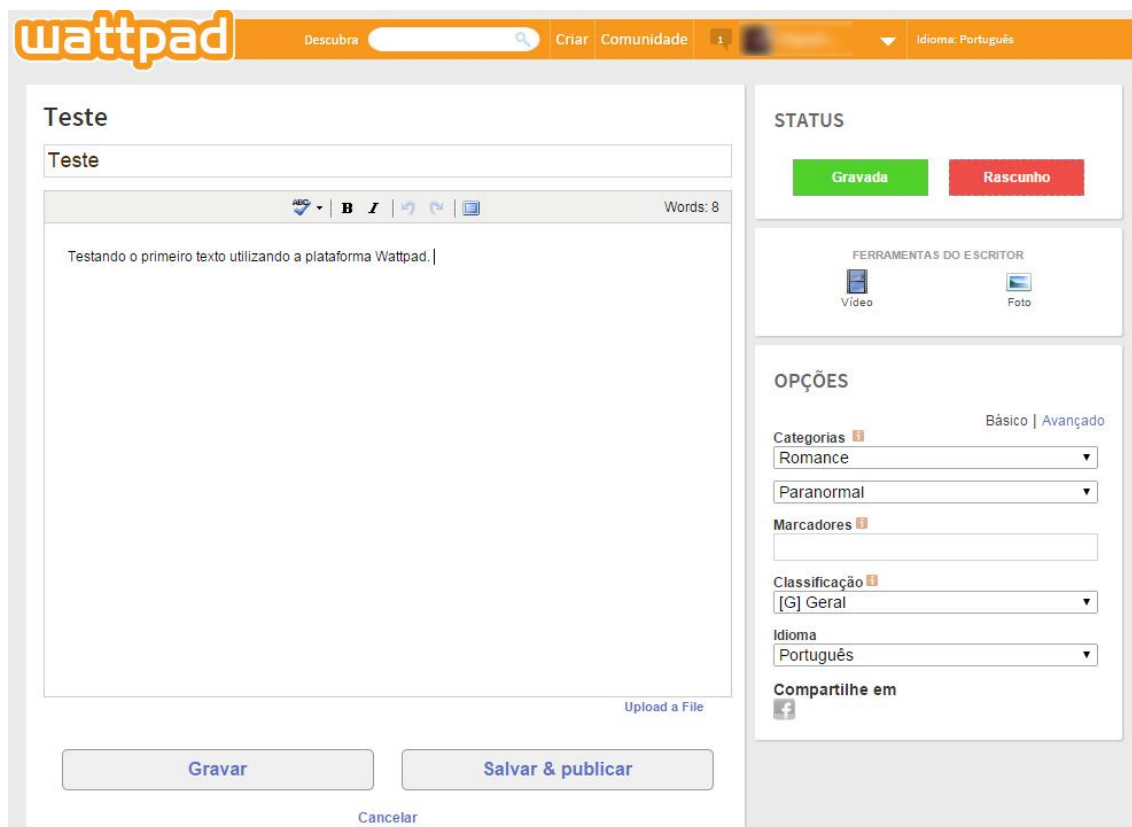
Com uma proposta diferente, o Wattpad⁶⁰ se define como uma plataforma social para descobrir e compartilhar histórias, mas é bem mais que isso, uma rede social para autores e leitores. Nela, é possível criar e ler histórias divididas em capítulos curtos. O site conta com um editor de textos bastante simples, apenas com corretor ortográfico e a possibilidade de marcar trechos em negrito ou itálico, não sendo permitida a adição de imagens, links ou outros tipos de conteúdo multimídia. Seguindo a mesma ideia dos microcontos, na plataforma, a escrita é reinventada para os dispositivos portáteis, onde a atenção é fragmentada. Com mais de quarenta milhões de histórias e mais de vinte e cinco milhões de usuários, o Wattpad pode ser a porta de entrada para novos escritores que desejam divulgar suas obras, ou ainda, para escritores já conhecidos que desejam estreitar sua relação com seus leitores, como é o caso do brasileiro Paulo Coelho, que possui uma página na rede social⁶¹ e conta com mais de um milhão de visualizações em suas histórias curtas.

⁵⁹ Disponível em: <http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI243323-17180,00-SEM+AJUDA+DE+EDITORIA+AUTOR+VENDE+MILHAO+DE+EBOOKS.html>. Acesso em 25/06/2014.

⁶⁰ Disponível em: <http://www.wattpad.com>. Acesso em: 20/06/2014.

⁶¹ Disponível em: <http://wattpad.com/PauloCoelho>. Acesso em: 20/06/2014.

Figura 26 – Interface de edição do Wattpad

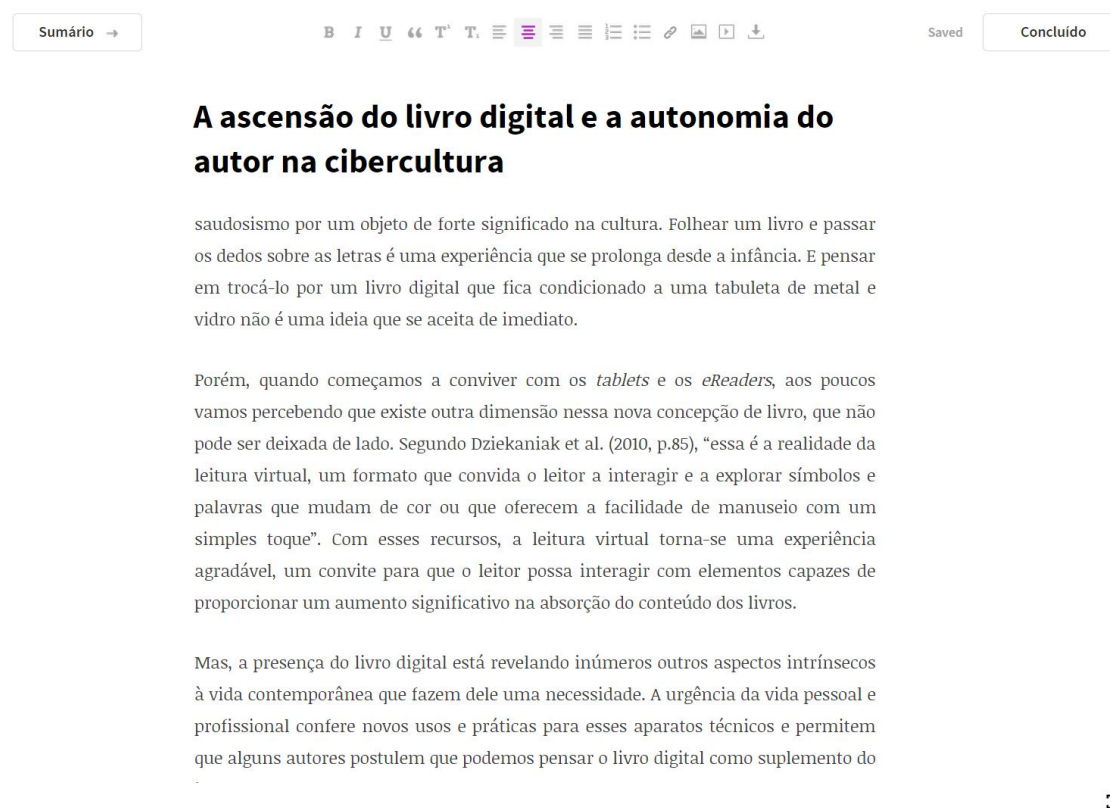


Fonte: Imagem criada pelo autor a partir da captura de tela da plataforma.

Vários autores já perceberam a necessidade de interagir de forma mais intensa com os seu público-leitor por meio de perfis, páginas e grupos de plataformas como o Facebook, Twitter ou WhatsApp. Há, também, a possibilidade de fazer com que o leitor torne-se coautor da obra, a partir de plataformas de escrita colaborativa, como o Widbook⁶². A rede social brasileira, criada em 2012, permite que o autor escreva e publique sua obra dentro da própria plataforma, fazendo com que haja um *feedback* bastante rápido, em um ambiente completamente interativo, possibilitando ao escritor, receber comentários e curtidas referentes ao livro ou a determinados trechos do mesmo. O editor de texto permite que a obra seja escrita de forma colaborativa, com dois ou mais participantes (a quantidade de interagentes é ilimitada) e, diferentemente do Wattpad, imagens, vídeos e links externos ao conteúdo do livro podem ser inseridos. Depois de concluído, o *eBook* é publicado no mesmo instante, não há análise alguma do material escrito, podendo assim, corroborar para que leis de direitos autorais sejam infringidas.

⁶² Disponível em: <http://www.widbook.com>. Acesso em: 25/06/2014.

Figura 27 – Interface de edição do Widbook



Fonte: Imagem criada pelo autor a partir da captura de tela da plataforma.

Como exemplo do processo de interação mútua, tratado anteriormente, na escrita colaborativa, o escritor e apresentador do Disney Channel Vinicius Campos passou a redigir online um romance inédito na plataforma Widbook. Sendo uma espécie de reality show literário, a rede social convocou os usuários para participar da construção do livro, com transmissões semanais ao vivo via Hangout. O final do *eBook*, intitulado de “Minha vida cor-de-rosa #sqn”, será escrito em sigilo, para ser lançado até a metade do ano corrente pela Editora Rocco⁶³.

Portanto, na iminência da cultura digital, mesmo que lentamente, às escolas, logo teremos novas gerações de autores e leitores afeitos a uma produção editorial sem precedentes. Do mesmo jeito que as novelas têm uma produção e veiculação diária de capítulos, que as séries também apresentam uma dinâmica de episódios contínua na internet, acreditamos que os livros também farão parte dessa dinâmica: serão escritos, produzidos, difundidos e compartilhados pelas mentes cada vez mais interessadas em produzir e consumir conteúdos com avidez.

⁶³ Disponível em: http://blog.widbook.com/reality-show-literario-no-widbook-imperdivel/?utm_source=fb4&utm_medium=Facebook+Ads&utm_term=Post5Mai&utm_campaign=Fb+Reality+Literario. Acesso em: 29/06/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos imersos em uma tecnologia pervasiva que nos proporcionou a ubiquidade da comunicação, e isso nos trouxe inúmeras novas necessidades comunicacionais e midiáticas. A principal delas é saber lidar cada vez mais com o imenso fluxo de informações que nos permita gerar e gerir os conhecimentos exigidos para viver em uma sociedade em rede.

Do códice ao livro impresso e deste para o livro digital, apesar das distâncias que separam um instrumento do outro, constatamos uma trajetória significativa para consolidar todo um aparato tecnológico que visa suprir a necessidade de produção e difusão do conhecimento humano, e que caminhou rumo a uma autonomia comunicacional, por parte do autor, que se presentifica agora no contexto da cibercultura.

Mas, a ascensão do livro digital e a autonomia autoral não se estabelecem de forma irrestrita e tranquila: passam pelos crivos de uma sociedade demarcadamente capitalista e apegada a seus artefatos mercadológicos que movem grandes cifras financeiras e constitui a base de muitos conglomerados nacionais e internacionais. É nesse contexto que são regidas as tentativas de estabelecer regras e normas que assegurem um modelo de negócio lucrativo.

O conceito de livro digital está no cerne da própria cibercultura, uma vez que, a descentralização do polo de emissão estabelecida pela autonomia do autor, a conectividade dos dispositivos fixos e móveis para compartilhamento das produções e a reconfiguração das práticas midiáticas nas mãos de qualquer cidadão provocam significativas transformações em diferentes níveis de nossas vidas. Ler livros não é mais uma simples atividade cultural de aquisição do conhecimento, e sim, uma estratégia fundamental de capacitação e instrumentação dos cidadãos para conviver numa ciberdemocracia. E publicar livros não é mais uma prerrogativa dos editores que, por muito tempo, dominaram a indústria do livro, mas uma prática acessível aos cidadãos/autores espalhados por todas as partes do mundo.

Assim como, não é mais o mercado editorial quem dita o que deve ou não ser publicado pelos seus critérios mercadológicos: são os próprios leitores que poderão fazer deste ou daquele livro um “best seller” pelo compartilhamento e não pela prospecção de vendas das editoras. Além do que, um livro pode ter valor de conteúdo significativo para um pequeno grupo de leitores e mesmo assim garantir sua existência editorial.

Apesar da dinamicidade e praticidade de produção e difusão do livro digital, o mercado editorial não tem mostrado nenhum indício de que o livro impresso esteja perdendo espaço. Porém, paralelamente a essa situação, o livro digital vem demonstrando um potencial capaz de suprir inúmeras necessidades, usos e práticas que o livro impresso não consegue atender. Muito mais pelo poder midiático de interação e compartilhamento de conteúdo do que pela própria tecnologia que o sustém.

O interesse dos autores e leitores não se resume apenas a uma troca de informações e opiniões, mas, principalmente, à participação direta na produção dos conteúdos. O leitores passaram a influenciar diretamente a capacidade imaginativa dos autores, a apresentar suas impressões, a sugerir alternativas - ao mesmo tempo em que o autor passou a compreender melhor a mente dos leitores a partir de suas ideias.

Nesse sentido, as redes sociais digitais tornaram-se uma ágora de repercussão planetária e os aplicativos um instrumento de coautoria. E, para o bem ou para o mal, estão exigindo profundas mudanças em um mercado, como o editorial que, durante séculos parecia impenetrável para autores e leitores, pois estava nas mãos dos produtores que sempre detinham os direitos autorais das obras.

As implicações dessas novas práticas de produção e disseminação de livros digitais já são visíveis e, se ainda não abalaram o setor editorial em suas bases, é tão somente porque os aplicativos e os suportes ainda trazem empecilhos de aquisição e acesso: os melhores dispositivos portáteis são caros e a internet no país tem custo elevado para o que pode oferecer. Entretanto, com a popularização dos aparatos tecnológicos, os dispositivos estão ficando mais acessíveis, juntamente com os conteúdos midiáticos, já que o próprio *smartphone* provê acesso a esses conteúdos.

O setor editorial, após inúmeras transformações, ainda encontra-se em um período de adequação. Insiste em permanecer com as práticas de mercado que funcionaram tão bem por um longo período, mas que já começam a dar sinais de enfraquecimento. Todavia, a presença do livro digital na sociedade contemporânea é uma realidade premente e sem volta. Principalmente porque este circula nos mesmos aparatos tecnológicos das demais mídias digitais e estão presentes em todas as instâncias da vida social.

O livro, em formato digital, não é mais apenas um artefato nas mãos dos leitores para suprir o seu interesse de leitura, ele se inseriu no contexto da cibercultura, com todos os seus aspectos de interação, compartilhamento e colaboração. Esses elementos, por sua vez, colocam o livro digital no cenário comunicacional gerido pela midiaticização.

Acreditamos, portanto, na permanência do livro, seja este impresso ou digital, como forma de aquisição de conteúdo, continuando a ser um excelente meio de expressão e comunicação. No momento, parece-nos oportuno afirmar que impresso e digital poderão conviver durante algum tempo, por mais que essa relação não seja harmoniosa. O setor editorial precisará passar por diversas reformulações para, somente depois, encontrar um modelo de negócios que funcione de forma adequada no contexto do ciberespaço. Apesar da inexistência de respostas claras quanto ao futuro do livro digital, o formato e suporte escolhidos advirão, principalmente, das necessidades e desejos do leitor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Filipe. **Reconfiguração do livro didático**: o livro digital como solução sustentável. João Pessoa: Faculdade Estácio/Idez, 2012. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Design Gráfico).

ALMEIDA, Filipe. O advento do livro digital: aspectos teóricos e práticos. FARIA, Evangelina Maria Brito de; SOUSA, Hercílio de Medeiros; FERNANDES, Terezinha Alves. (Org.). **Educação a distância**: textos aplicados a situações práticas. João Pessoa: Gráfica São Mateus, 2013.

ANURADHA, K. T.; USHA, H. S. Use of e-books in an academic and research environment: a case study from the Indian Institute of Science. In: **Program**, v. 40, p. 48-68, 2006. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/00330330610646807>. Acesso em: 15/05/2015.

BENÍCIO, Christine Dantas; SILVA, Alzira Karla Araújo da. Do livro impresso ao e-Book: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica. In: **Biblionline**, 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/580/418>. Acesso em: 12/07/2014.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. A problemática dos e-books: um contributo para o estado da arte. In: **Conferência Iberoamericana em Sistemas, Cibernética e Informática**, 2007. Orlando, Estados Unidos.

BRAGANÇA, Aníbal. Por que foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia? O editor-impressor e a construção do mundo moderno. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 25, 2002. Salvador, BA. Anais. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/a918cdb4f12fdf2b9a793159fdc2f8bf.pdf>. Acesso em: 13/05/2015.

BRITTES, Juçara Gorski; PEREIRA, Joanicy Leandra. Tecnologias da informação e da comunicação e a polêmica sobre direito autoral: o caso Google Book Search. In: **Ciência da Informação**, v. 36, p. 167-174, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18/05/2015.

BROWN, Bob. **The readies**. Germany: Roving Eye Press, 1930. Disponível em: <http://cnx.org/content/m31518/1.2>. Acesso em: 15/07/2014.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil**. Tese de doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. Disponível em: http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/premio2008/968930-ARQ/968930_5.PDF. Acesso em: 24/06/2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

_____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.

COPE, Bill; KALANTZIS, Diana. **Print and electronic text convergence**: technology drivers across the book production supply chain; from creator to consumer. Altona: Common Ground Publishing, 2001.

COSTA, Renata Carvalho da. Alguns aspectos do livro eletrônico como objeto de estudo no GP Produção Editorial da Intercom. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 35, 2012. Fortaleza, CE. Anais.

DAMÉ, Gabriela; GONÇALVES, Berenice. Três percursos de leitura: processos interativos e cognitivos no livros eletrônico hipermidiático. In: **Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem**, 6, 2013. João Pessoa, PB. Anais.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIAS, Guilherme Ataíde; VIEIRA, Américo Augusto Nogueira; SILVA, Alba Lígia de Almeida. Em busca de uma definição para o livro eletrônico: o conteúdo informacional e o suporte físico como elementos indissociáveis. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 14, 2013. Florianópolis, SC. Anais.

DOUGHERTY, Brian. **Design gráfico sustentável**. São Paulo: Edições Rosari, 2011.

DZIEKANIAK, Gisele Vasconcelos. Considerações sobre o e-book: do hipertexto à preservação digital. In: **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, 2010. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=16400>. Acesso em: 01/04/2014.

EPSTEIN, Jason. **O negócio do livro**: passado, presente e futuro do mercado editorial. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FLATSCHART, Fábio. **Livro digital, etc.**: descubra a nova forma de leitura que está mudando o mundo. Rio de Janeiro: Brasport, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel**. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

GARCÍA, José Antonio Cordón; DÍAZ, Raquel Gómez; ARÉVALO, Julio Alonso. **Gutenberg 2.0: la revolución de los libros electrónicos**. Gijón: Trea, 2011.

GAUDÊNCIO JUNIOR, Norberto. **A herança escultórica da tipografia**. São Paulo: Edições Rosari, 2004.

GHAZIRI, Samir. **A leitura na tela do computador**. São Paulo: Baraúna, 2009.

GONÇALVES, Márcio Souza. O que aprender com os livros? In: COUTINHO, Eduardo Granja; GONÇALVES, Márcio Souza (Orgs.). **Letra impressa: comunicação, cultura e sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

HALEY, Allan. **Typographic Milestones**. Nova York: Van Nostrand Reinhold, 1992.

HEITLINGER, Paulo. **Tipografia: origens, formas e uso das letras**. Lisboa: Dinalivro, 2006.

HORIE, Ricardo Minoru. **Coleção eBooks – Volume 1: Arte-finalização e conversão para livros eletrônicos nos formatos ePub, Mobi e PDF**. São Paulo: Bytes & Types, 2011.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

KELLY, Kevin. **Para onde nos leva a tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: Annablume, 2009.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

LEMO, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Ciber-cultura-remix**. 2005. Disponível em: http://www.hrenatoh.net/curso/textos/andrelemos_remix.pdf. Acesso em: 20/06/2014.

_____. Dispositivos de leitura eletrônicos. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/239>. Acesso em: 11/03/2015.

LEMO, Ronaldo. **Futuros possíveis: mídia, cultura, sociedade, direitos**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÓPEZ SUÁREZ, Mercedes; LARRAÑAGA RUBIO, Julio. El e-book y la industria editorial española. In: **Revista Interamericana de Bibliotecología**, 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762010000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14/07/2014.

LUDWIG, Fabiana. **Os e-books infantis em análise**. Florianópolis, 2012. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. In: **Estudos avançados**. São Paulo, v. 8, n. 21, p. 201-214, 1994. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200013>. Acesso em: 29/04/2015.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANZINI, Ezio. **A matéria da invenção**. Porto: Porto Editora, 1993.

MARTIN, Henry-Jean; FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Hucitec/Ed. Unesp, 1992.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. **História do design gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MELLO, Guiomar Namo de. **O livro didático no sistema de ensino público do Brasil**. Disponível em: <http://www.namodemello.com.br/pdf/escritos/outros/livrodidat2.pdf>. Acesso em: 02/05/2014.

MELOT, Michel. **Livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MORAES, André Carlos. **Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011**. Porto Alegre, 2012. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NETO, Antônio Fausto. Fragmentos de uma <<analítica>> da mediatização. In: **Matrizes**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/view/5236/5260>. Acesso em: 02/07/2014.

NICOLAU, Marcos. O ciclo das autonomias: do texto, do suporte e do autor. In: **Apropriação midiática e autonomia comunicacional**: perspectivas de uma mídia livre. Revista Eletrônica Temática, 2010. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2010/Dezembro/apropriacao_autonomia_comunicacional.pdf. Acesso em: 03/04/2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Sob o signo de Hermes, o espírito mediador: midiatização, interação e comunicação compartilhada. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. (Org.). **Mediação e Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

PARRY, Roger. **A ascensão da mídia**: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**: o mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

_____. **A revolução dos eBooks**: a indústria dos livros na era digital. São Paulo: SENAI-SP Editora, 2013.

RAO, Siriginidi Subba. Electronic books: their integration into library and information centers. In: **The electronic library**, v. 23, p. 116-140, 2005. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/02640470510582790>. Acesso em: 15/04/2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROMERO, Elena Rojas. El libro mecánico, precursor del libro digital, nació en 1949 y su inventora fue una maestra de el Ferrol. **Marchamos**: Revista de Comunicación Interna de la Oficina Española de Patentes y Marcas, Madrid, 2010. Disponível em: http://www.oepm.es/comun/documentos_relacionados/Publicaciones/Marchamos/numero39.pdf. Acesso em: 25/02/2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

_____. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SEHN, Thaís Cristina Martino. **As possíveis configurações do livro nos suportes digitais**. Porto Alegre, 2014. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de mediação”. In: **Revista Mediação: Universidade FUMEC**, v. 9, n. 8, p. 59-68, 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/view/285/282>. Acesso em: 09/08/2012.

SILVA, Juremir Machado da. **A sociedade midiocre**. Passagem ao hiperespetacular: o fim do direito autoral, do livro e da escrita. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

STASIAK, Daiana. Sociedade midiaticizada e convergência tecnológica: as afetações do Campo dos *media* na contemporaneidade. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 12, 2010. Goiânia, GO. Anais.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research: grounded theory, procedures and techniques**. Newbury: SAGE, 1990.

THOMPSON, John B. **Books in the digital age**. Cambridge: Polity Press, 2005.

_____. **Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

USHER, Abbott. **A History of mechanical inventions**. New York: McGraw-Hill Book Company, 1929.

WCED. WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. **Our Common Future**, 1987.

WISCHENBART, Rüdiger. **The global eBook report: a report on market trends and developments**. Update Spring 2014. Ruediger Wischenbart Content and Consulting, 2014.